



fato e razão 92

Dezembro 2015

Conselho Diretor Nacional

Francisca e José Hildo Pereira de Oliveira

Maria Inês e Gerson Pereira Pepe

Marisa e José Galdino Ulysses

Raimunda e Francisco de Assis Rocha

Albuquerque

Sônia e Adalberto Rezende de Jesus

Editoria e Redação

Hélio Amorim

Arlete e João Borges

Itamar David Bonfatti

Jesuliana do Nascimento Ulysses

Maria do Carmo Freitas Schmitz

Marly e José Maurício Guedes

Rita e Luiz Carlos Torres Martins

Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos

Francione e Ricardo R. Werneck

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68

cep 36010-520 Juiz de Fora-MG

Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 18:00h

E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão Gráfica Santa Rita

Rua N. Sra. de Lourdes, 425 36070-450 -

Juiz de Fora - MG

Telefone: (32)3215-7060

orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação Anderson Nogueira -

amarartesvisuais@gmail.com

e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

Papa faz história em Cuba e USA -	2
Helio Amorim	
Filosofia e sofística	4
Mário José Dos Santos	
Cadê o natal?	6
Frei Betto	
Crença na Tolerância	8
Cida Abreu	
Festival Nacional de Arte e Cultura MFC	10
Garantir o óbvio e fazer o óbvio	13
Thiago Bottino	
Laudato Si: Uma Espiritualidade Ecológica	15
Faustino Teixeira	
Redução da maioria: a criminalização do excluído	17
Luccas Gissoni	
Se não temos sinais, sejamos um sinal	20
Edson Fernando de Almeida	
Teologia da intolerância	22
Marcelo Freixo	
Um mundo sem utopias	25
Jaime Pinsky	
Programa Nacional de Formação à Distância	27
Resgatando nossa rica literatura	32
Comunhão dos santos e santas	59
Refeição em Família	60
Anna Veronica Mautner	
Xô, Abutres!	62
Raquel Rolnik	
Precisamos falar dos algoritmos	64
Ronaldo Lemos	
As mulheres de Kobane e a luta da liberdade contra a opressão	66
Grupo de São Paulo	
Acreditar na vida	67



Papa faz história em Cuba e USA

*Helio Amorim**

Setembro termina com gestos e discursos históricos de Francisco em missão de paz nas Américas. Não poupou críticas severas aos países europeus que negavam acolhida a refugiados do extremismo violento do BokoAram e Estado Islâmico na África e Ásia. “O nosso mundo está a enfrentar uma crise de refugiados de tais proporções que não se via desde os tempos da II Guerra Mundial. Esta realidade coloca-nos diante de grandes desafios e decisões difíceis”.

Já vemos os efeitos, ainda tímidos, de acolhida de migrantes famintos e desalojados de suas casas que invadem aqueles países em busca de paz. Em Cuba, Francisco abençoou as mudanças políticas e sociais implantadas, na expectativa de maiores avanços para alcançar os valores básicos dos regimes democráticos.

As fronteiras estão abertas a migrações, depois do acordo de reci-

procidade antes impensável entre Cuba e EUA, promovido pelo Papa. Em Washington, Francisco referiu-se de forma clara sobre políticas migratórias norte-americanas. No Congresso americano, foi contundente: “Todos estamos plenamente cientes e também profundamente preocupados com a situação social e política inquietante do mundo atual” (...) “O nosso mundo torna-se cada vez mais um lugar de conflitos violentos, ódios e atrocidade brutais, cometidos até mesmo em nome de Deus e da religião”.

Sabe que “nenhuma religião está imune de formas de engano individual ou de extremismo ideológico. Isto significa que devemos prestar especial atenção a qualquer forma de fundamentalismo, tanto religioso como de qualquer outro gênero”.

Propõe “um delicado equilíbrio para se combater a violência perpetrada em nome de uma religião, de uma ideologia ou de um sistema económico, enquanto, ao mesmo





tempo, se salvaguarda a liberdade religiosa, a liberdade intelectual e as liberdades individuais”.

Volta o olhar para as Américas: “Também neste continente americano, milhares de pessoas sentem-se impelidas a viajar para o Norte à procura de melhores oportunidades. Não devemos deixar-nos assustar pelo seu número, mas antes olhá-los como pessoas, fixando os seus rostos e ouvindo as suas histórias, procurando responder o melhor que pudermos às suas situações. Uma resposta que seja sempre humana, justa e fraterna.”

Adverte que “devemos evitar uma tentação hoje comum: descartar quem quer que se demonstre problemático.

Lembremo-nos da regra de ouro: “O que quizerdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles” (Mt 7, 12)”. “Mas há outra tentação de que devemos acautelar-nos: o reducionismo simplista que só vê bem ou mal, ou justos e pecadores. A nossa resposta deve ser uma resposta de esperança e cura, de paz e justiça”. Francisco constata que “até mesmo num mundo desenvolvido aparecem evidentes os efeitos de estruturas e ações injustas.

Os nossos esforços devem concentrar-se em restaurar a paz, remediar os erros, manter os compromissos, e assim promover o bem-estar dos indivíduos e dos povos”.

Helio Amorim é engenheiro e membro do MFC do Rio de Janeiro

Cada família do MFC

1 assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelizaçãodas famílias
ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal, cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 do Banco do Brasil e remeta os dados pelo E-mail da Revista.
Assinatura anual: **R\$ 32,00**

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

**Tel: (32)3214-2952
das 13 às 17horas**

**Distribuidora Fato e Razão
Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520**

fato
e razão

3





Filosofia e sofística

Mário José dos Santos*

A sofística, conhecida também como ‘Movimento Sofístico’, ocorreu na Grécia antiga, na segunda metade do século V A.C. na “Mãe Pátria”, cidade de Atenas. Seu fundador, e principal representante, foi Protágoras de Abdera. A reflexão filosófica anterior preocupava-se, exclusivamente, com a questão da natureza, a origem do cosmo. Os sofistas deslocaram essa pesquisa para o homem, suas virtudes e seu supremo bem, ou seja, sua realização plena. Uma atitude intelectual totalmente nova e revolucionária, que influenciou profunda e decisivamente todo o ocidente, uma vez que somos gregos e cristãos, queiramos ou não.

É nessa perspectiva e dimensão que vemos as coisas, conhecemos supostas verdades e crenças e nos comunicamos por meio de uma

lógica que se fundamenta em conceitos, juízos, raciocínios e capacidade de argumentação. Os sofistas tinham como alvo a educação dos jovens (ricos), porque cobravam pelos seus cursos e conferências. Pela ausência de certas categorias que só seriam conquistadas posteriormente, identificaram educação com a eloquência, falar bem em público e para o público, para convencer e persuadir. O fim último dessa pedagogia seria o êxito na vida pública, na carreira política, somado ao poder econômico.

Helenistas consagrados veem na sofística os germes que viabilizaram o humanismo e o iluminismo modernos e contemporâneos no pensamento ocidental (igualdade, liberdade e fraternidade). É importante conhecer o passado para projetar o futuro. Dar sentido à vida é responder às perguntas clássicas fundamentais: quem somos nós? De onde





Vemos? Para onde vamos? Indaga-se: por que algumas pessoas são tranquilas, corajosas e concentradas, e outras não o são? Alguém pode ser feliz alimentando, diuturnamente, o medo, o ódio e a incapacidade de superar os problemas inevitáveis e inerente à condição humana?

A sofística, pela ausência de certas categorias, que só seriam conquistadas posteriormente, foi vítima do relativismo, afirmando que o “o homem (individual, singular) é a medida de todas as coisas” e que a retórica descolada da ética confunde-se com a educação.

Estamos convivendo, no momento, com vários políticos que

reproduzem este momento histórico, no pior sentido: retórica sem compromisso com a ética. Como já se disse: a História se repete como farsa. Daí a descrença do povo brasileiro, com manifestações nas ruas e nas redes contra os corruptos que buscam o poder pelo poder, no sentido de enriquecimento fácil, espúrio, a qualquer preço. Como se os fins justificassem os meios. Não vale generalizar. Temos bons políticos; honestos, corretos e bem-intencionados, que têm consciência de que a política é a arte de construir o bem comum.

** Mário José dos Santos é Professor da UFFJ. Transcrito da Tribuna de Minas*

EXERCÍCIOS REFLEXIVOS - PROPOSTA

Prezado leitor! A equipe editorial de F&R gostaria de contar com sua resposta, individual ou coletiva, para as seguintes questões que a realidade brasileira está a propor, entre outras a serem observadas por você:

- A filosofia sofística, se aplicada no cotidiano atual, é um bem, ou um mal?

- Os brasileiros convivem, no momento, com vários políticos que reproduzem a sofística, no pior sentido, ou seja: Retórica sem compromisso com a ética. Esta constatação é correta? Porque?

- A retórica e a prática sofística está presente: Na educação formal?

Na política de segurança pública? Nas relações de trabalho? Nas relações religiosas? Nas relações familiares? Como a sofística se manifesta nestes e em outros espaços sociais, segundo sua percepção da realidade?

Nosso endereço para correspondência é: LIVRARIA DO MFC, RUA BARÃO DE SANTA HELENA, 68, Juiz de Fora, MG, CEP 36010-520

OBSERVAÇÃO: O prezado leitor pode encontrar mais dados sobre a FILOSOFIA SOFÍSTICA NA COLEÇÃO “OS PENSADORES”, NA GRANDE OBRA “HISTORIA DE LA FILOSOFIA”, ou mesmo no Google”.





Cadê o Natal como celebração do nascimento de Jesus? Cadê o presépio na sala, a leitura bíblica em família, as crianças catequizadas pelo significado da festa? Cadê a Missa do Galo, que inspirou um dos mais belos contos de Machado de Assis?

Cadê o Natal?

Frei Betto

Serei saudosista? Talvez, sobretudo considerando que a pós-modernidade troca o sólido pelo gasoso, o emblemático pelo mercantil, a irrupção do sentido pela compulsão consumista.

Eis o sistema, com a sua força incontida de banalizar até mesmo a mais bela festa cristã. Na contramão de Jesus, vamos escorraçando o filho de Deus do espaço religioso e introduzindo as mesas dos cambistas que comercializam os produtos do Papai Noel.

O velho barbudo pode ser encantador para as crianças, devido à massificação cultural que as induz a preferir Coca-Cola a leite. Contudo, haverá mais mistério no ancião que desce pela chaminé ou na criança que é a própria presença de Deus entre nós?

Aliás, ao ser inventado, Papai Noel vestia verde. O vermelho foi mercadologicamente imposto pelo mais consumido refrigerante do mundo. Porém, nada tem a ver com a nossa realidade o velhinho que veio do frio.

Somos um país tropical, jamais andamos de trenó e sequer em nossos zoológicos há renas. Mas, como



despertar uma nação secularmente colonizada? Como livrar a cabeça do capacete publicitário? Basta conferir o número de lares que trocam a boa e potável água do filtro de barro pela garrafa pet do supermercado, contendo líquido de salubridade duvidosa.

Minha mãe, mestra em culinária, contava que, outrora, as madames cariocas, com a cabeça feita pela Belle Époque, pediam no açougue “lombinho francês”. E muitas acreditavam que aquele naco de carne de porco havia cruzado o Atlântico para agradar o paladar refinado de quem, com certeza, achava uma porcaria o porco daqui...

O grupo de oração do qual participo em São Paulo, decidiu confraternizar-se com presentes zero. Queremos presenças na celebração. O grupo de Belo Horizon-





te instituiu o “amigo culto” (e não oculto): sorteada a pessoa, ela recita uma poesia, entoia um canto, narra uma fábula ou conta um “causo” que faça bem à alma.

Meus amigos Cláudia e Jorge decidiram que, neste ano, nada de shopping! Levarão as crianças ao hospital pediátrico, para que brinquem com os pequenos enfermos. Isto, sim, é encontrar Jesus, como reza o evangelho da festa de Cristo Rei: “Estive enfermo e me visitaste” (Mateus 25, 36).

Isso é muito mais do que cultivar Jesus no presépio, em imagem de

gesso. É encontrá-lo vivo naqueles com os quais ele se identificou.

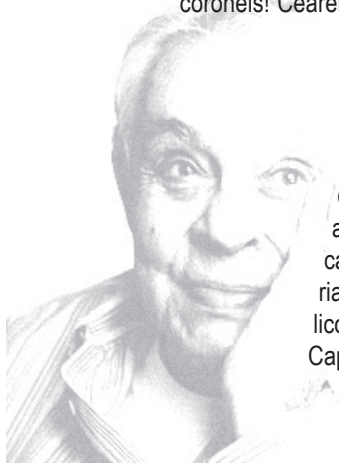
Mas há quem prefira entupir as crianças de Papai Noel, “educá-las” centradas no shopping, incentivá-las a escrever cartinhas com requintados pedidos. Tomara que, mais tarde, não se queixem dos adolescentes consumistas, escravos monoglotas dos celulares, indiferentes ao sofrimento alheio e desprovidos de espiritualidade.

Frei Betto é escritor, autor de “Oito vias para ser feliz” (Planeta), entre outros livros - www.freibetto.org / twitter:@freibetto. (Adital)

Transcrito do Correio MFC

Chico Anysio na língua do C

Ceará complicado! Chuva caía contada. Cearense chorava. Caboclo, coitado: chapéu caído, couro curtido, caminhava... Cidade, campo, caatinga, corpos, caveiras, calor. Cadê comida, cadê chuva? Ceará conheceu calamidades! Cai chuva. Chove, chove, chove, conclusão: caem casas, colheitas carregadas, crianças chorando, caboclos correndo, chega! Compensa! Chuva, céu claro, chuva, céu claro. Controlando com camaradagem, com caridade, custa? Cearense, cabra cavador: chega, conversa, controla, com calma... conquista. Começa caixeiro - comerciante; cresce, cresce, comanditário; cresce, cresce, caixa; cresce, cresce... capitalista! Carteira cheia, com cruzeirinhos cantando! Compra carro colossal - Cadillac; compra casa - castelo; compra concubina - corista; corre capitais, centros culturais, cassinos, cabarês... Cearenses coronéis! Cearense casa, casa com cearense. Com cearense carinhosa, caridosa, cavilosa, criadora... Companhia constante, carinho constante, cegonha constante! Cearense, cabra corajoso! Com casquinha, construída com cinco cacos, cipó carcomido, contorna costa, cruza correntezas, caminha... cação; começa combate: carrega, cruza, consegue. Consegue comida. Calos, cortes, compensam: casas cheias, cangalhas carregadas. Ceará colosso. Colosso? Como colosso? Ceará continente! Café, cacau, coco, cana, carnaúba, caju, cachaça. Celebidades, citaria cinquenta. Cem celebridades cearenses. Ceará cristão, católico, convicto. Ceará Crato, Crateús, Camocim, Cascavel, Ceará Capistrano, Ceará Cícero. Ceará... Chico. Chico Anysio





Crença na tolerância

*Cida Abreu**

O conjunto de costumes, valores e tradições do nosso povo, sua identidade construída ao longo de séculos de vivência entre diferentes, é resultado do processo de colonização, organização e formação do território brasileiro. Mesmo com todas as contradições e desigualdades produzidas pelo colonialismo, apresenta-se como síntese, expressa na paisagem, nos modos de vida e nas manifestações culturais.

Vivências, histórias e lutas dotaram lugares de espiritualidade e fizeram dos mesmos sagrados, comportando na prática diferentes confissões. Esta diversidade de doutrinas fortaleceu o sentimento identitário dos povos. Ainda que existissem diferenças, belíssimos projetos arquitetônicos coexistiram (embora houvesse repressão e conflitos) com

outras estéticas e formas de relação com os ambientes de resistência.

O Brasil, como um país continental, pluriétnico e rico em sua diversidade cultural, tem na religiosidade a fonte de hábitos e expressões culturais. A importância do casamento e da família, leis que limitam liberdades individuais, o calendário, um jeito solidário de ser as festas populares do nosso povo e a ancestralidade que preserva a tradição reproduzem cotidianamente filosofias oriundas da religiosidade do brasileiro.

Desta generosa mistura, regada a muitas contradições sociais, políticas e epistemológicas, origina-se a peculiar forma de ser do brasileiro. Ainda que diante de conflitos e disputas, o convívio ecumênico representou um importante desafio ao bem viver de todos os povos.





O que vemos hoje no Brasil e no mundo é um duro golpe à memória de grupos seculares e suas formas de organização social e precisa ser corajosamente enfrentado, haja vista que todo esse acúmulo representa um patrimônio muito caro à História, a qual precisamos defender e resguardar como elemento constituinte da nossa cultura

Os defensores do Estado laico e da liberdade religiosa tiveram uma importante vitória em 1891 na primeira Constituição brasileira, ao separar a Igreja do Estado e superar a proibição de outros cultos (que não fossem o oficial existente) e conversões forçadas. Em 1988, é conquistada a garantia da preservação e do respeito à livre confissão de fé. Quando no artigo V no parágrafo VI aponta: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção

aos locais de culto e a sua liturgia”

A contribuição, afro-brasileira à cultura nacional é ímpar, constituindo um verdadeiro pilar e intensos movimentos de resistência, diante de todo o histórico de embates e da tentativa dos grupos dominantes de suprimir manifestações como o samba e a capoeira. Hoje, de novo a prática religiosa deste grupo é marginalizada e agredida.

A intolerância religiosa nos conduz a um único caminho, o do ódio e da violência, de dimensões físicas, mas, sobretudo, simbólicas. Neste momento, os ataques à comunidade religiosa de matriz africana em todo o Brasil são contraditórios com o amor ao próximo e a busca pela paz, mantra de todas as manifestações religiosas no mundo.

* Cida Abreu é Presidente da Fundação Cultural Palmares

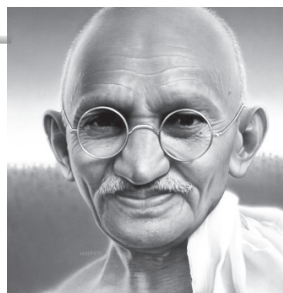
Transcrito de “O Globo”

Se eu pudesse deixar algum presente a você, deixaria acesso ao sentimento de amar a vida dos seres humanos. A consciência de aprender tudo o que foi ensinado pelo tempo afora...

Lembraria os erros que foram cometidos para que não mais se repetissem. A capacidade de escolher novos rumos.

Deixaria para você, se pudesse, o respeito àquilo que é indispensável: além do pão, o trabalho. Além do trabalho, a ação. E quando tudo mais faltasse, um segredo: o de buscar no interior de si mesmo a resposta e a força para encontrar a saída.

Mahatma Gandhi





“Grupo que não faz, se desfaz. Mas, para fazer, é preciso ser”.

Margarida Rêgo - MFC Salvador

A essencialidade de realizar um encontro, um festival de sucesso, se mantém na construção diária do diálogo, às vezes de poucas palavras, é uma prova de amor que traz, ao longo do tempo, afeição e confiança - necessários para que o grupo se sinta seguro e confortável, o que se reflete positivamente em todas as situações vivenciadas.

Neste festival aprendemos a observar os limites das pessoas e dos grupos; esse é essencial para o bem-estar de todos e serve para o fortalecimento de ações futuras do MFC, cada pessoa navega no seu espaço, no seu tempo e faz o que precisa ser feito de forma suave, o sucesso de cada ação é garantido, e assim foi-se construindo cada momento.

Toda atividade deve ser acompanhada, monitorada, sem stress, precisamos fugir das pressões que o meio exerce. Quando confiamos uma atividade a um grupo temos a certeza que ele o fará, são dons e vocações (somadas) que se dispo-

I Festival
Nacional de

Arte e Cultura
MFC

nibilizam, e dando o melhor de si tem-se sempre o melhor resultado. Acompanhar é sinônimo de inteireza e integração não de cobrança.

Aprendemos que é necessário respeitar as diferenças, uns gostam de azul, outros, de amarelo. Pessoas são altas, baixas, umas sentem frio outras calor. Todos somos diferentes e aqui iguais por uma causa, precisamos perceber que a diferença serve para somar e fortalecer as relações, e não para separar as pessoas.

Como é importante saber ouvir - escutar o outro, às vezes, pode parecer mais cômodo dizer não para terminar uma conversa e mesmo que você queira colocar limites, é preciso ouvir na essência. Ouvir é permitir que o outro exponha seu ponto de vista e com isso aprenda a





aceitar a opiniões. Respeitar ao outro é básico para uma convivência saudável.

As palavras “mágicas” sempre serão nossas companheiras, o tempo passa e algumas nunca vão perder o seu valor e significado, fortalecendo a generosidade. Expressões como “muito obrigado”, “por favor”, “com licença” e “desculpa” nunca saem de moda ou dos padrões de educação e regras da boa convivência. As palavras de boas maneiras são mágicas para o futuro e para um bom relacionamento, é o exemplo de cada um que fará os adultos de amanhã pessoas sensíveis.”... mais do que máquinas, precisamos de humanidade...”

Saber trabalhar em equipe é o fator importante, e uma característica essencial para a realização de qualquer atividade, no MFC isto é

alicerce primordial ao fortalecimento e sustentabilidade do grupo em todas as suas equipes.

O I Festival Nacional de Arte e Cultura do MFC foi muito mais além que um exercício de humildade, somatório de forças de pessoas e instituições parceiras que se juntaram para fortalecer o nosso tecido social família através da arte e da cultura.

Aconteceu em um momento histórico, a nossa sociedade carece de atitudes e ações positivas, criativas e iluminadas para o fortalecimento da nossa juventude seja ela jovem ou acumulada. O MFC cultivando o seu ser profético faz um grande e ousado convite a cada pessoa, a cada mefecista a assumir e viver a cultura da paz.

A inquietação que nos move é também o combustível necessá-





rio ao desenvolvimento das nossas ações, o evangelizar em todas as suas manifestações trazem implícitas um grito pela liberdade, para o fortalecimento da humanidade, pela vivência do amor e da paz.

As apresentações demonstraram não só arte e cultura, trouxeram à tona uma verdadeira necessidade de olharmos para o nosso lado e mais ainda termos a capacidade de decodificar todas as mensagens que nos foram apresentadas de forma lúdica, trouxe muito mais do que esperávamos e ascendeu a necessidade de fazermos outros festivais, outros encontros de pessoas que com um canto exprimem não só a arte, mas a própria vida.

A unidade de ação de um grupo é fundamental e se produz em virtude da conduta de seus membros, a fim de que a ação do gru-

po, como um todo, tenha o mesmo propósito. Está aqui caracterizado o trabalho em equipe e pode ser descrito como um conjunto ou grupo de pessoas que se dedicam a realizar uma tarefa. Assim como muitas pessoas eu acredito que trabalhar em equipe é mais divertido e fácil, pois contribui muito para melhorar o desempenho de todos.

GRATIDÃO é a palavra que define tudo o que aconteceu, e continuará vivo em todos nós.

Paz e bem,

Rubens e Rosana

Bom mesmo é ir à luta com determinação, abraçar a vida com paixão, perder com classe e vencer com ousadia, por que o mundo pertence a quem se atreve. E a vida é muito bela para ser insignificante.





GARANTIR O ÓBVIO E FAZER O ÓBVIO

Thiago Bottino

Causou perplexidade em alguns setores da sociedade a decisão judicial que impediu a Polícia Militar de abordar coletivos e deter pessoas. Alguns viram nessa proibição um cerceamento do trabalho preventivo da polícia, o que também gerou certa indignação. No entanto, essa perplexidade e indignação estão mal direcionadas.

A decisão nada mais fez do que reproduzir o que a Constituição já determina; “ninguém será preso senão em flagrante delito ou por ordem escrita e fundamentada de autoridade judiciária competente (...)” (art. 52, inciso LXI). Não se pode prender pessoas porque são pobres, ou negras, ou residentes na Zona Norte, ou ainda porque se suspeita que desejem cometer roubos

ou furtos. Sem que alguém ao menos inicie uma ação nesse sentido, não há como antecipar essa prisão. Não vivemos em tempos de “Minority Report”, filme de ficção em que pessoas são presas antes mesmo de praticarem qualquer crime.

Além disso, a proibição de detenção de meros suspeitos (e há que se ter cuidado ao impor o rótulo de suspeito a qualquer pessoa) não impede que as forças de segurança pública atuem para prevenir o crime. O Rio de Janeiro está acostumado com eventos que reúnem milhões de pessoas (jornada da Juventude, réveillon, Copa do Mundo, para citar alguns recentes) e já mostrou ser capaz de assegurar a ordem sem desrespeitar a lei e a Constituição. Também reduziu o número de homicídios sem lançar mão de prisões arbitrárias.





A prevenção dos “arrastões” pode se dar a partir de revistas em coletivos (prática não proibida pela decisão judicial) para identificar pessoas em situação de flagrante por porte de armas ou que estejam na posse de bens furtados, por exemplo.

É possível prevenir o crime com o aumento do policiamento ostensivo e pelo uso de agentes (ou mesmo drones) posicionados com câmeras capazes de identificar os verdadeiros responsáveis por furtos. Sabendo que o ambiente está controlado, diminuem as expectativas de sucesso na ação criminosa.

Por outro lado, reações violentas por parte da sociedade (e da polí-

cia), definitivamente, não são capazes de reduzir o crime ou a violência. Na verdade, tais reações são, em si mesmas, criminosas, e seus efeitos mais prováveis são o acirramento dos ânimos numa espiral de violência sem fim. Geram ainda mais exclusão.

A redução da violência é do crime depende das medidas (sempre legais) de prevenção, mas também da tolerância com o outro, especialmente com o diferente, da eliminação do preconceito e das diferenças socioeconômicas.

* Thiago Bottino é professor
FCV Direito Rio

Transcrito de “O Globo”

*A ação nem sempre traz felicidade,
mas não há felicidade sem ação*

Benjamin Disraeli





Laudato Si: Uma espiritualidade ecológica

*Faustino Teixeira**

Ainda sob o impacto da nova encíclica de Francisco, *Laudato Si*, cujas repercussões estamos sentindo por todo lado. Vejo a iniciativa como a força de uma voz profética que se levanta contra a indiferença que vemos por toda parte. Como indica Francisco, há infelizmente uma “indiferença geral” face a tantas tragédias que vêm ocorrendo em tantas partes do mundo. “A falta de reação - sublinha - face a estes dramas de nossos irmãos e irmãs é um sinal da perda daquele sentido de responsabilidade para com nossos semelhantes”.

Corajosamente propõe, não o crescimento, mas o decrescimento (ou como se diz na Itália, a “*decrescita felice*”). Urge reagir contra os efeitos nefastos provocados pelos humanos no antropoceno (LS 34) e

buscar uma nova perspectiva, que envolve também uma nova espiritualidade: uma espiritualidade ecológica (LS 216) que favoreça uma nova “reverência pela vida” (LS 207); uma sobriedade pautada pela convicção de que “quanto menos, tanto mais” (LS 222); um retorno à simplicidade (LS 222) e humildade: valores que não gozaram de positiva consideração no último século (LS 224).

A nova espiritualidade provoca uma revirada no modo de ser, favorecendo o caminho de uma “paz interior” (LS 225) e de uma nova atenção e cuidado para com o ambiente, de forma a “recuperar a serena harmonia com a criação”. O desafio é saber perceber que tudo está interligado em nosso tempo (LS 16), e que nós - habitantes dessa “casa comum” - somos terra e o nosso corpo “é constituído pelos elementos do planeta” (LS 2),





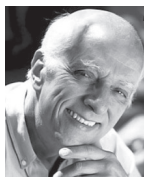
Na verdade, o Mistério habita em todas as coisas (LS 233). Traço importante na nova encíclica de Francisco é o resgate da “interação bíblica entre o ser humano e a natureza”. Há um lirismo muito peculiar na reflexão de Francisco. Sua fala vem pontuada pela consciência da presença do Mistério no Universo: “há um mistério a contemplar numa folha, numa vereda, no orvalho, no rosto do pobre” (LS 233). Para Francisco “cada criatura c objeto da ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo. Até a vida efêmera do ser mais insignificante é objeto-amor e, naqueles poucos segundos de existência, Ele envolve-o com o seu carinho. Dizia São Basílio Magno que o Criador é também a ‘bondade sem cálculo’, e Dante Alighieri falava do ‘amor que move o sol e as outras estrelas’. Por isso, das obras criadas pode-se subir à sua amorosa misericórdia” (LS 77).

O universo material, em toda a sua grandeza, traduz “uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus” (LS 84). O humano se integra nesse cosmos como um irmão, segundo o caminho apontado pelo

poverello de Assis. Tudo está conectado, tudo está em relação (LS 16 e 92), e tudo converge para um Mistério sempre maior, na linha de Teilhard de Chardin, também lembrado por Francisco (LS 83, n. 53). Não se trata, porém, de um Mistério que se reduz à transcendência, mas uma dinâmica amorosa que pode ser encontrada em todas as coisas (LS 233), como nas montanhas ou vales cantados por João da Cruz, essas grandezas em que o Amado se diafaniza (LS 234)

Uma nova tomada de consciência vem reforçada por Francisco: a de que “precisamos uns dos outros”, que “temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo” e que “vale a pena ser bons e honestos” (LS 229). Só assim poderemos transmitir um horizonte distinto para aqueles que virão, para as crianças que estão crescendo. Há que se preocupar com as futuras gerações, adverte Francis, pois o que está em jogo “é a dignidade de nós mesmos” (LS 160).

** Faustino Teixeira é Teólogo.
Professor Titular da Universidade
Federal de Juiz de Fora (MG)
Transcrito do Boletim Rede*



“Amar é ter um pássaro pousado no dedo. Quem tem um pássaro pousado no dedo sabe que, a qualquer momento, ele pode voar” “A celebração de mais um ano de vida é a celebração de um desfazer, um tempo que deixou de ser, não mais existe. Fósforo que foi riscado. Nunca mais acenderá. Daí a profunda sabedoria do ritual de soprar as velas em festa de aniversário. Se uma vela acesa é símbolo de vida, uma vez apagada ela se torna símbolo de morte.” “Quem experimenta a beleza está em comunhão com o sagrado.”

Rubem Alves





Redução da maioridade: a criminalização do excluído

*Lucas Gissoni**

A redução da maioridade penal provocou nos meios jurídicos e intelectuais o mesmo efeito que o PL 4330 teve e tem no mundo do trabalho: indignação.

Mas vai além disso. Nos dois casos, a ofensiva conservadora devolveu à sociedade, aos movimentos sociais, aos círculos progressistas e democráticos algo precioso que parecia haver se perdido – a energia para o engajamento.

Exemplo disso foi a reunião na Escola Superior do Ministério Público de São Paulo, na capital paulista.

Promotores, juristas, autorida-

des e sociedade civil para debater a criminalização da infância embutida na PEC 171, que reduziria a inimputabilidade penal de até 18 para até 16 anos de idade. Promovido pelo Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional da Escola (CEAF-ESMP), o evento contou com a presença de Olympio de Sá Sotto Maior Neto, procurador de justiça e coordenador do Centro de Proteção aos Direitos Humanos do Ministério Público (MP) do Paraná, integrante do Grupo de trabalho de Enfrentamento ao Racismo e Respeito à Diversidade Étnica e Cultural da Comissão de Defesa dos Direitos Fundamentais do Conselho Nacional de Justiça; Munir Cury, procurador de justiça aposentado do MP-SP e Gabriela Gramkow, psicóloga e conse-





lheira do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP), além de Maria Babel Sampaio, assessora do Centro de Apoio Operacional de Infância e Juventude e Idoso, do MP, e do Procurador-Geral de Justiça do Estado de São Paulo, Márcio Fernando Elias Rosa.

A inconstitucionalidade “formal e material” da PEC 171, como a classificou o Procurador-Geral, Márcio Fernando, foi a tônica das intervenções. “Carece de razoabilidade”, disse ele, “tendo em vista que não se trata do meio adequado para atingir o objetivo que se busca. diminuir a criminalidade; a inserção dos adolescentes no sistema prisional não seria um meio adequado para isso”, fuzilou.

Se fosse preciso recorrer a argumentos de cunho moral e religioso, o Procurador diria que a redução da maioria penal seria “pecado”, uma vez que se ancora no sentimento de vingança da sociedade para com o adolescente, “não na ideia de justiça”. “Busca-se um afastamento do problema, não resolvê-lo”, emendou Rosa, para arrematar: “o que se pretende é suspender a cidadania e a condição humana dos jovens, guardando-se confortável distância em relação aos mesmos (como se o adolescente) fosse “um capeta em estado larvar, como se o problema fosse a própria existência desses jovens”.

Já para Munir Cury, não estamos diante de um problema jurídico,

que exige solução legal. Considerando adequada a legislação existente, o procurador aposentado advoga sua “exata aplicação”, argumentando que as medidas socioeducativas seriam “pessimamente aplicadas” pelos municípios. Cury trouxe também o conceito jurídico de “fraternidade”, explicando que o adolescente “é nosso irmão, e faço com ele o que gostaria que fosse feito comigo”.

Gabriela Gramkow vê uma dimensão ainda mais grave no problema. Existe, no seu entender, uma política de matança por parte do Estado brasileiro, que, como mostra o Movimento Mães de Maio, tem “registro de lugar, idade, classe e cor”.

O que a redução da maioria penal agride é o entendimento amplamente abraçado no ambiente jurídico que vê o adolescente como vítima, e não causa, da violência.

A renúncia a esse princípio fere gravemente a perspectiva ética de cuidado – leia-se, educação, formação, amparo e oportunidades – e não de punição em relação às crianças e adolescentes na sociedade brasileira.

Ao invés disso, envereda-se para a lógica da suspensão de seus projetos de vida e de matança.

Desconstruindo o próprio argumento usado pelos defensores da PEC, de que o jovem de 16 anos já teria discernimento sobre o cer-





to e o errado a psicóloga Gabriela Gramkow afirma que entender que ele tem tal discernimento implica “convidá-lo para a produção da vida, e não da morte”. Dado que a juventude preta, pobre e periférica enfrenta ausência de direitos e falta de perspectivas, “cabe oferecer-lhe uma oportunidade de usar esse discernimento a favor da vida”, argumenta.

A responsabilização dos culpados deve ter a perspectiva da corresponsabilidade, mas a PEC 171 é uma proposta que desresponsabiliza Estado e sociedade no seu papel garantidor e protetor de direitos, concluiu. Não é isso a verdadeira impunidade?

Olympio Sotto Maior aponta a existência de uma “interessante coincidência” na numeração da PEC em questão: 171 é o número do artigo do Código Penal que criminaliza a conduta de obtenção de vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo alguém ao erro, chamada estelionato.

O jurista afirma que é inconstitucional qualquer norma “tendente” a abolir direito fundamental, de modo que tal abolição não precisa ser dire-

ta nem comprovada. A PEC 171, no seu entender, estaria contrariando a Convenção das Nações Unidas Sobre os Direitos da Criança e do Adolescente. Assinada pelo Brasil, estabelece a inimputabilidade penal até os 18 anos, bem como a proibição do retrocesso em direitos humanos.

Sotto Maior chama a atenção para um aspecto pouco discutido do problema. A adolescência, lembra o jurista, envolve a experiência da “crise”, momento em que o jovem quer romper as amarras, entrar para o mundo adulto. Romper regras e construir o pertencimento a um grupo faz parte dessa travessia.

O problema, diz Sotto Maior, é que essa experiência não é a mesma para todas as classes.

A verdade é que os jovens pobres não têm o mesmo direito de experimentar a crise que os ricos. A redução da maioridade ergue uma nova muralha a reforçar esse interdito – uma muralha prisional.

** Luccas Gissoni é graduado em Filosofia pela PUC-SP*

Transcrito do Boletim Rede

[...] o amor significa considerar o outro como uma pessoa, como um ser consciente, como uma liberdade, como algo tão valioso quanto você.

Osho





Se não temos sinais, sejamos um sinal

UM NOME PARA SE PRONUNCIAR QUANDO NÃO HÁ RAZÕES
PARA ESPERAR, NEM MESMO PARA SORRIR.

(Rubem Alves)

*Edson Fernando de Almeida **

Tenho percebido nesses últimos meses um forte desconforto com relação ao futuro que se descortina para o Brasil que tanto amamos. O quadro político é caótico, a economia agoniza e os problemas ecosociais se avolumam. Mesmo os mais otimistas não conseguem fugir à sensação de que a coisa não anda bem.

E verdade que há indicadores positivos que acabam ficando escondidos nos escombros das leituras rápidas deste presente estridente, polarizado, que não tem ouvidos e olhos para importantes conquistas cidadãos que com tanto suor foram feitas nos últimos anos.

O Brasil parece ser uma grande boca a gritar a dor da sua história de injustiças. Talvez que devamos mesmo ser, neste momento, esta grande boca a achincalhar nossa sorte.

Unamuno já dissera que não basta curar a peste, há que sabe-la chorar. Mas, em algum momento, além do grito forte, será fundamental o ouvido atento e o olhar transparente, fundamentais ao pensamento, sem o qual não se vai a lugar nenhum. ,

Se entendermos que a esperança se alimenta de sinais positivos, transformadores, abridores de horizontes, é fato que neste tempo ela anda em baixa. Mas, me pergunto se a esperança nascida da memória de Jesus de Nazaré está condicionada aos sinais positivos e milagres do presente. Este momento de poucos avanços transformadores, e mesmo de retrocessos em importantes conquistas democráticas, pode ser fértil para repensarmos a nossa noção de esperança.

E aqui evoco o teopoeta Rubem Alves com sua inquietante releitura da intuição paulina de que esperamos contra toda a esperança. Ou seja, a esperança judaica cristã não





é uma esperança que se dá em função de, em razão de, por causa de. É esperança a despeito de apesar de, ainda que. Por isso ela é teimosa, ousada, mantendo-se viva mesmo quando não há sinais positivos que a justifique.

Para Rubem, Deus é o nome que pronunciamos no vácuo da conjunção todavia. Deus é um nome para se pronunciar quando não há razão para esperar. Deus aqui não como substantivo, mas como uma estranha conjunção a fazer a ligação entre a morte que se anuncia e a vida que brota.

Tais vãos teopoéticos de Rubem pode nos ajudar neste momento. Fico pensando na noção de esperança que precisa de sinais para se alimentar. Sua condição de possibilidade é a presença dos sinais positivos. Creio, se tenho sinais que deem sustentação ao crer. A esperança do

profeta Habaçuque, também paulina, parece apontar para outra direção. Ela cresce não por causa, mas a despeito da presença de sinais exteriores. Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide... eu todavia me alegrarei em Deus.)

Essa esperança profunda, que espera apesar de, é ela mesma um grande sinal, um grande milagre.

Ela se expressa na arte de lutar pela vida sem garantias de que nossos esforços serão recompensados. Então, se não temos muitos sinais positivos no horizonte do presente, sejamos um sinal de esperança nos diversos campos em que lutamos por este fratria que, a julgar pela estridência, ainda está a nascer.

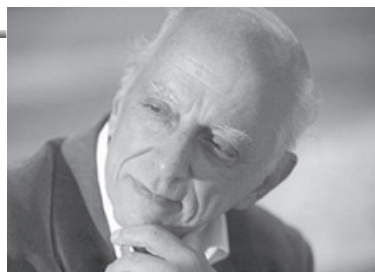
** Edson Fernando de Almeida é
Pastor da Igreja Cristã de Ipanema*

Transcrito do Boletim Rede

ESCOLAS

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves





Teologia da Intolerância

Marcelo Freixo

O jagunço Riobaldo Tatarana, numa de suas sábias divagações sobre Deus e o Diabo na terra do “Grande Sertão” de Guimarães Rosa, profetizou: “Deus mesmo, quando vier, que venha armado!”.

Riobaldo se referia às muitas violências sertanejas. Mas seu aforismo, como tudo na obra-prima de Guimarães Rosa, extrapola as veredas do cangaço. Diante da agressividade da intolerância religiosa, ele é atual e irônico. Quando Jesus vier, que venha armado. Não para ferir, mas para tentar sobreviver àqueles que pregam o ódio em seu nome.

O dogma da Teologia da Intolerância é a violência, cujas principais vítimas são os seguidores de religiões afro-brasileiras. Segundo a Secretaria de Assistência Social do Rio de Janeiro, entre julho de 2012 e

dezembro de 2014, houve 948 denúncias de atos de violência e 71% dos atingidos eram da umbanda e do candomblé.

Não é só um ataque à dignidade humana, mas também ameaça à democracia e ao Estado laico. É uma estratégia de poder de grupos religioso-empresariais, que, ligados a igrejas neopentecostais, transformaram a fé em lucro e capital político. São grupos que não representam o conjunto dos protestantes.

Eles se organizam por meio do controle de estações de rádio e TV – bens públicos – e da articulação com os Poderes Legislativos, principalmente com o Congresso, sob o comando de Eduardo Cunha.

A denúncia da Procuradoria-Geral da República enviada ao STF mostrou a relação clandestina entre os poderes políticos e os religiosos.





Cunha teria recebido por meio de uma igreja da Assembleia de Deus R\$ 250 mil como propina do esquema da Petrobras.

Na Assembleia Legislativa do Rio, a apoteose do obscurantismo foi o AI-5 religioso. O projeto, do deputado evangélico Fábio Silva (PMDB), prevê a censura, com multa de até R\$ 270 mil, a manifestações políticas e culturais que satirizem religiões. A PM poderia interromper peça de teatro ou bloco de Carnaval, por exemplo. O absurdo saiu da pauta.

O teólogo Leonardo Boff me falou uma vez sobre as diferenças entre caridade e solidariedade. A caridade é uma relação vertical entre desiguais, movida pela pena. Já a

solidariedade é fruto do sentimento de igualdade e empatia. Esta é a essência do cristianismo.

Os mercadores da intolerância estão muito distantes da simbologia da cruz, representação do compromisso com a dor do outro e com a justiça social. Os arautos do ódio são a coroa de espinhos, os algosos.

Riobaldo anunciou que a resposta é o amor, palavra revolucionária: “Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura”.

Transcrito da Folha de São Paulo

Extraído da imortal obra: Os Miseráveis, de Vitor Hugo

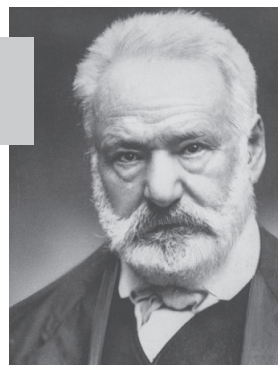
“Cada qual, assim como faz a cama, assim nela se deita” (p. 37)

“Visto que me consagra todo o seu tempo, é porque eu lhe ocupo todo o seu coração” (p. 173)

“Assim como só nas entranhas da terra se acham os diamantes, assim somente nas profundezas do pensamento se encontram as verdades” (p. 237)

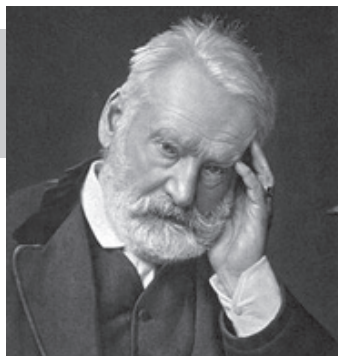
“A falta de consciência traz consigo o desregramento da vida” (p. 384)

“Parece que a morada do homem participa da sua brevidade e a de Deus da sua eternidade” (p. 435)





Extraído da imortal obra: Os Miseráveis, de Vitor Hugo



“[...] estudemos as coisas que já não existem. É necessário conhecê-las, ainda que seja apenas para evitá-las [...] O passado tem um rosto, que é a superstição, e uma máscara, que é a hipocrisia. Denunciemo-lhe o rosto e arranquemos-lhe a máscara” (p. 509)

“Este livro é um drama, cuja primeira personagem é o infinito. A segunda é o homem” (p. 511)

“[...] é uma das fatalidades da humanidade ser condenada a combater eternamente com fantasmas. É sempre difícil agarrar a sombra pela garganta e derubá-la” (p. 515)

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 17:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.





UM MUNDO SEM UTOPIAS

Jaime Pinsky

Sem leituras sérias abdicamos do patrimônio cultural da humanidade, arduamente construído ao longo de milênios

O processo civilizatório se desenvolve desde que existe o ser humano. A descoberta do fogo, a invenção da roda, a domesticação de animais, a elaboração de deuses, a estruturação das cidades foram marcos na história da humanidade.

Mas, depois da fala, dificilmente encontraremos fatores civilizatórios mais importantes do que a criação, a racionalização e a universalização da palavra escrita. Por meio dela, o homem se tornou capaz não apenas de produzir cultura como de guardá-la de modo eficiente e de, mais ainda, transmiti-la aos contemporâneos e às gerações seguintes.

Com a escrita tornava-se mais fácil apresentar descobertas, descrever invenções, divulgar técnicas, expor ideias, confessar fraquezas, compartilhar sentimentos.

Praticada, inicialmente, apenas por elites a escrita espalhava com muita parcimônia o saber acumulado, uma vez que o conservadorismo dos detentores do poder bloqueava a democratização dos avanços na cultura material e imaterial.

Com os papiros e pergaminhos, inicialmente, e mais tarde com o papel e, mais ainda, com a imprensa de tipos móveis, a cultura, no sentido de patrimônio acumulado, passou a alcançar um número cada vez maior de pessoas, democratizando o saber e dando oportunidades a uma parcela importante da população. Sem a palavra escrita, em geral, e sem o livro, em





particular, a história não teria sido a mesma.

Ao longo do século 19, nos países mais desenvolvidos, as pessoas foram aprendendo a ler e a escrever. A desvalorização do trabalho braçal, substituído por máquinas, o crescimento do setor de serviços, o aumento da produtividade no campo, o crescimento das cidades: o mundo parecia caminhar para uma realidade sonhada pelos utopistas.

Ao ler livros, ao escrever cartas, ao redigir o resultado de reflexões complexas, os cidadãos compartilhavam ideias e sentimentos, tão mais densos quanto mais habilitados estivessem nas técnicas da escrita e da leitura. Era permitido sonhar com uma sociedade universal de gente alfabetizada com oportunidades de ascensão social determinadas apenas pelos seus méritos. Não por acaso é o momento das grandes utopias igualitárias.

Já no século 21 as utopias parecem coisas de um passado remoto. Mesmo não gostando do mundo como está, parece que desistimos de mudá-lo. Vivemos ou em sociedades consumistas, ou burocráticas,

ou fundamentalistas. Fingimos que a felicidade pode ser encontrada comprando mercadorias, obedecendo regras, ou acreditando em um improvável mundo pós-morte.

Jogamos no lixo milhares de anos de avanço civilizatório e nos transformamos em meros consumidores de softwares. Estamos perdendo a habilidade de ler textos complexos, nos conformamos com a pobreza da linguagem das redes sociais.

Em nome da interatividade sentimo-nos qualificados a ser banais. Sem leituras sérias abdicamos do patrimônio cultural da humanidade, arduamente construído ao longo de milênios.

Não precisamos sequer de um Grande Irmão para ordenar a queima de livros: queimamos nossas estantes, por inúteis. E nem as substituímos por livros digitais, já que vamos deixar o saber apenas para os criadores de software.

Jaime Pinsky, historiador, é professor titular da Unicamp e diretor da editora Contexto

Transcrito da Folha de São Paulo

EXTRAÍDO DA IMORTAL OBRA: OS MISERÁVEIS, DE VITOR HUGO

“[...] quando a queda é mais profunda, não é então que a caridade deve ser maior?” (idem)

“[...] como todos corações honestos, era pedagogo de si mesmo” (ibidem)

“Valem mais as cavernas escuras do que os sótãos úmidos” (p. 750)





Programa Nacional de Formação à Distância



CONDIN
Conselho Diretor Nacional
SENFOR
Secretariado Nacional de Formação

Continuando o programa, estamos encaminhando o texto abaixo abordando o item 2.1 da programação.

Nossa preocupação é que os textos que estão sendo propostos para estudo e reflexão, tanto nas equipes-base quanto em eventos locais de formação, sejam compreendidos por todos.

SE VOCÊ, SUA EQUIPE-BASE OU COORDENAÇÃO ESTÁ ENCONTRANDO ALGUMA DIFICULDADE EM TRABALHAR OS REFERIDOS TEXTOS, POR FAVOR, ENTRE EM CONTATO CONOSCO ATRAVÉS DO E-MAIL ABAIXO PARA QUE POSSAMOS, DE ALGUMA FORMA, AUXILIÁ-LOS NA SUA INTERPRETAÇÃO.

Desejamos a todos o melhor proveito possível, e não se esqueçam: ficamos no aguardo de um retorno pelo endereço eletrônico abaixo. Não guarde somente para si suas conclusões. Vamos exercer a PARTILHA.

mfc.livraria@gmail.com

2º BLOCO TEMÁTICO - LIBERDADE

1º Módulo : A ESCRAVIDÃO DAS PESSOAS

NA SOCIEDADE MODERNA

“Há quem morra chorando pelos pobres. Eu morrerei denunciando a pobreza” Bernard Shaw

1 - ORAÇÃO INICIAL

Um olhar novo

A mensagem cristã traz-nos um convite estimulante: ver as pessoas e as coisas a partir da

situação em que se encontram e dar-lhes o justo valor. É o gesto da viúva pobre que Jesus aprecia e a censura dirigida aos escribas pela presunção.

É a partilha abnegada e con-





fiança da viúva de Sarepta com Elias.

É a entrega de Cristo pela felicidade de todos.

A mensagem faz-se, hoje, oração para que Deus nos conceda um olhar novo e assim:

* eu veja os outros em profundidade, especialmente os que são esquecidos; não fique nas aparências, mas vá à realidade profunda das pessoas e das coisas com olhos transparentes.

* o meu grupo de amigos, de trabalho ou de apostolado aprecie mais a compreensão do que a crítica, mais a tolerância do que a intransigência, mais o amor do que a indiferença e o ódio.

* a minha família saiba construir cada vez mais a união e a concórdia entre nós e acolher, sem discriminações, os que precisam de ajuda, ainda que não o demonstrem de forma visível.

* a assembléia cristã, onde tomo parte na celebração da eucaristia, tenha horizontes rasgados e aprenda a olhar, à semelhança de Jesus, os empobrecidos e as vítimas de silêncios impostos.

* a sociedade a que pertenço crie uma cultura em que as pessoas valiam mais que todo o ouro do mundo e a escala de valores

seja mais apreciada do que a tabela dos preços.

Senhor, dá-nos um olhar novo que seja o espelho do Teu modo de ver e amar. Amém.

(Pe. Georgino Rocha)

2 - INTRODUÇÃO:

Certamente, permitir que as vontades, desejos e ambições humanas norteiem as ações, atitudes e decisões é escravidão, trata-se de uma falsa liberdade que conduz à destruição. O apóstolo Paulo, em sua epístola aos gálatas, afirma: “para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão” Gl 5.1.

Quando Jesus faz o anúncio de sua missão, na Sinagoga de Nazaré, aparecem as várias dimensões do verdadeiro missionário: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vida, para restituir a liberdade aos oprimidos, e para proclamar um ano da graça do Senhor” (Lucas 4,18-19).

REFLEXÃO:

O que é, de fato, a “liberdade”?
O que significa ser livre?

Qual o conceito de “liberdade”





predominante na sociedade contemporânea? Nós somos pessoas livres ou não?

4 – LEITURA BÍBLICA

Extrema corrupção nos últimos tempos (Carta de São Paulo a Timoteo II- Cap. 3)

Saiba, porém, que nos últimos dias haverá momentos difíceis. Os homens serão egoístas, gananciosos, soberbos, blasfemos, rebeldes com os pais, ingratos, iníquos, sem afeto, implacáveis, mentirosos, incontinentes, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres do que de Deus; manterão aparências de piedade, mas negarão a sua força interior. Evite essas pessoas! Entre esses encontram-se os que entram nas casas e cativam mulherzinhas cheias de pecados e possuídas por todo tipo de desejos, que estão sempre aprendendo, mas não conseguem chegar ao conhecimento da verdade. E assim como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, também esses se opõem à verdade; são homens de espírito corrupto e fé inconsistente. Mas eles não irão longe, pois sua loucura será desmascarada diante de todos, como aconteceu com aqueles dois.

REFLEXÃO SOBRE A LEITURA BÍBLICA:

Quais as coincidências da

leitura Bíblica e o que acontece hoje?

5 – COMENTÁRIO SOBRE OS ACONTECIMENTOS NA SOCIEDADE MODERNA

Parece ser senso comum afirmar que no tempo de Jesus como hoje sempre prevaleceram mais desigualdades econômicas e sociais do que a igualdade pregada por Cristo. A exclusão das pessoas, principalmente dos mais pobres e injustiçados, sempre ocupou mais espaço do que a inclusão.

A miséria em que muitos viveram no tempo de Jesus e vivem hoje; os gastos com supérfluos sempre maiores do que os gastos sociais; a fome que devastou e devasta a humanidade em muitas regiões, mesmo quando a atividade agrícola gera produção excedente de alimentos; levam ao enriquecimento de uma minoria, enquanto outros são castigados pela extrema pobreza. (Marcus Eduardo de Oliveira)

Hoje nas grandes cidades, encontramos seres humanos cansados, massacrados pelo trabalho ou angustiados pela falta dele, envolvidos pelos inúmeros apelos de consumo, acumulando compromissos e preocupações. As relações sociais são muito complexas porque a sociedade criou mecanismos que absorvem as pessoas as quais muitas vezes



não tem tempo nem para conhecer o vizinho que mora ao lado.

Até mesmo entre irmãos, primos, tios etc. já não se observa relações de plena convivência o que exige muita generosidade para não se cair logo numa atitude de condenação, seguindo o exemplo das atitudes acolhedoras de Jesus de Nazaré que não manda a samaritana embora; que não se afasta dos publicanos e pecadores.

Vamos observar que a escravidão a que estamos sujeitos hoje é bem diferente da dos séculos passados como ocorria no Brasil. Hoje não somos escravos de senhores, mas de um sistema. A escravidão é pior hoje. Ter escravos é muito mais barato do que no passado, porque as pessoas são descartáveis. Dentro do sistema de mercado vigente você pode ter um escravo e depois jogá-lo fora. Você não paga para ter um escravo. O ser humano virou uma mercadoria primária barata ou simplesmente um número no meio de muitos trabalhadores de uma empresa onde o que é mais importante é o lucro. Hoje a escravidão se dá não só por coerção física, mas também psicológica.

O sistema vigente não tem preocupação com o atendimento às pessoas, com a solução dos problemas de transporte, moradia, saneamento, saúde pública,

meio ambiente, drogas, violência, realidades estas que atingem de formas diferentes parcelas distintas da população.

VAMOS REFLETIR:

É possível comparar a escravidão moderna com a do passado?

Você percebe que muitas vezes somos submetidos ao sistema sem outra opção? Enumere estas situações.

Como o MFC pode fazer a diferença, mostrando caminhos diferentes?

6 - LEITURA FINAL

Rumo à Liberdade

A liberdade está no centro da mensagem cristã. Saber ser livre é aprendizagem a ser feita ao longo da vida. Ninguém nasce livre, mas faz-se livre a partir do esforço pessoal e das várias ajudas que possa ir recebendo.

Jesus abre-nos o caminho para chegarmos à liberdade. O cego de Jericó constitui um símbolo admirável. A narração do texto é bem expressiva ao descrever a reação dos intervenientes. Bartimeu - assim se chama o cego - está sentado à beira da estrada e pede esmola. Nele pode ver-se a situação dos que se sentem oprimidos e prisioneiros de si mesmos, dependentes





dos outros, vítimas de leis injustas artificialmente criadas para gerar exclusão e impedir os gritos da dignidade ofendida e abafada.

Quem não se reconhece em Bartimeu, pelo menos em alguns momentos da vida ?! Não há pior cego do que aquele que não quer ver.

A fome da liberdade cresce à medida que ele ouve falar de Jesus de Nazaré. E leva-o a vencer medos pessoais, a ultrapassar barreiras legais e a gritar a plenos pulmões. Também esta atitude é reveladora do fogo que arde no coração humano: ver a luz para ser livre; seguir a verdade para ser autêntico; abrir-se aos outros para se relacionar.

Tudo o que era a segurança do cego e o limitava é posto de lado. Banco onde se sentava, local onde mendigava, cajado em que se apoiava, manto de abrigo.

Salta de alegria pela oportunidade surgida. E consegue o que deseja: caminhar por seu pé, sentir-se com nova segurança, seguir o caminho da vida, rumo à liberdade plena a que se sente chamado e Jesus Cristo lhe oferece.

Pe. Georgino Rocha

Origem histórica da palavra trabalho.

“A palavra “trabalho” tem sua origem no vocábulo latino “TRIPALIUM” – denominação de um instrumento de tortura formado por três (tri) paus (paliu). Desse modo, originalmente, “trabalhar” significa ser torturado no tripaliu.

Quem eram os torturados? Os escravos e os pobres que não podiam pagar os impostos. Assim, quem “trabalhava”, naquele tempo, eram as pessoas destituídas de posses.”

EXTRAÍDO DA IMORTAL OBRA: OS MISERÁVEIS, DE VITOR HUGO

“[...] as pérolas não se desfazem na lama” (p. 575)

“É preciso, para que o gênero humano caminha para a frente, que lhe venham sempre, de cima, sublimes lições de valor” (p. 593)

“Quem sabe se tantas opacidades não se tornarão transparentes um dia?” (p. 594)





M.F.C. 60 anos de Caminhada

Resgatando nossa rica literatura





Uma literatura de vanguarda

Nos primórdios de sua caminhada o MFC produziu e editou verdadeiras obras-primas da literatura cristã laica.

Por lamentável descuido na preservação de nossa história, não conseguimos recuperar toda a rica literatura produzida nos primeiros tempos, mas dentre as obras que conseguimos resgatar encontram-se verdadeiros tesouros de evangelização.

De 1965 nos veio o livro “Educação, obra de amor”. Uma coletânea de temas para reuniões das então denominadas Equipes de Nazaré. Este temário pretendia colocar os casais diante da segunda dimensão essencial do matrimônio: educar os filhos.

Em 1969 era a vez de um temário voltado para os noivos que desejavam bem se preparar para o matrimônio. O prefácio de Dom Carlos Távora, Arcebispo de Olinda e Assistente Nacional do Movimento e o fechamento da obra pelo Frei Lucas Moreira Neves, O.P., bem demonstram a importância dessa obra.

De 1969 também nos veio o temário “Eis o homem”, sequência de textos qualificados como primeiro ciclo para reuniões dos círculos matrimoniais, “inteiramente baseados na linha de humanização apresentada no Concílio Vaticano II”.

No mesmo ano de 1969 surge ainda “O homem e o Evangelho”. Neste temário cada pessoa “é colocada em face da mensagem evangélica que aparece: como uma interpelação de Deus aos homens de hoje e como resposta de Deus às legítimas aspirações do homem moderno”.

Dentre as obras resgatadas em arquivos diversos encontramos ainda “O homem e o mundo”, ainda de 1969. Neste livro era abordado “o tema do engajamento, sob vários aspectos, mostrando, ao mesmo tempo, a necessidade e o valor do engajamento conjugal e familiar, num mundo que evolui rapidamente em direções quase sempre desumanas”. Neste temário também são oferecidos alguns subsídios para se compreender melhor a técnica conhecida como Revisão de Vida.

Além das citadas obras, o Movimento produziu, através desses 60 anos de caminhada, muitos outros documentos.

Para que as novas gerações de mefecistas tenham um conhecimento pelo menos visual de parte desse rico acervo, disponível em nossa Livraria, e valendo-nos dos novos recursos gráficos que hoje Fato & Razão nos propicia, publicamos a seguir um painel de ilustrações dessas publicações.

Fechando este suplemento publicamos uma carta de um mefecista pioneiro comentando nossa edição histórica.





UMA PALAVRA DE APRESENTAÇÃO

É uma imensa alegria para a Equipe Central Nacional do MFC oferecer a tantos casais do Movimento espalhados pelo Brasil este folheto. Dirige-se a todos os que tantas vezes nos pediram um manual do MFC para facilitar-lhes o trabalho de criação e condução de seus grupos de casais.

Mas será mesmo um manual do MFC?



Restaurar a família em Cristo - Ano 1963

Não, certamente, no sentido de um regulamento. Não desejamos mesmo que o Movimento venha a ter um regulamento rígido, eivado de cláusulas frias, de parágrafos e itens jurídicos como os das sociedades anônimas. O que rege o MFC tem que ser cada vez mais sua mística (espiritualidade e apostolado) e as prementes necessidades da Família de nosso tempo. Aqui pusemos um pouco desta mística.

Não, ainda, no sentido de teoria abstrata sobre o MFC ideal. Julgamos que melhor seria extrair a teoria da prática. E aqui registramos o que nestes cinco ou seis anos de vida e ação no Brasil o Movimento descobriu ser essencial à sua fecundidade apostólica e ao serviço que ele quer devotadamente prestar à Igreja.

Será um manual, no entanto, na medida em que cada casal do MFC encontrar nestas páginas uma orientação profunda para viver seu matrimônio integralmente e, mais ainda, irradiá-lo apostolicamente. Não podemos dar aqui senão uma introdução à tão necessária espiritualidade matrimonial - um esboço apenas, quem sabe. Para muito breve ousamos prometer o desenvolvimento deste esboço. Insistimos mais desta vez no aspecto missionário, essencial ao Movimento.

Era preciso, todavia, fornecer algumas bases técnicas relativas ao MFC enquanto organismo de apostolado agindo na Igreja. Procuramos fazê-lo num anexo em que alinhamos as considerações mais importantes.

Entregamos pois a brochura às mãos dos atuais e futuros membros do MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO do Brasil. Com eles estamos realizando aqui, em moldes nossos, com fidelidade e originalidade, esta imprescindível experiência de apostolado familiar. O que desejamos é que





tantas palavras escritas se tomem, entre suas mãos, vida vivida. Que este livrinho seja um roteiro, não uma bitola - um farol, não um freio. Que façam mais e melhor ainda do que aqui entremostremos. E que deem à Igreja e ao mundo os casais santos e os casais apóstolos (não apesar do mas graças ao casamento) de que o mundo e a Igreja sentem falta.

O que desejamos ainda é que o folheto contribua a dar ao MFC no Brasil, apesar das distâncias e das diferenças de nossas regiões, a bela unidade - que não quer dizer uniformidade - que é condição de eficácia missionária: unidade de concepção do Movimento, unidade de intenções apostólicas, unidade no equacionamento dos graves problemas familiares e nas soluções apontadas, unidade de pensamento, de sentimento e de ação.

FREI LUCAS MOREIRA NEVES, O. P.

Vice-Assistente nacional do MFC

OFERECIMENTO

Imensa alegria é o que sente a Equipe Central Nacional ao oferecer às Equipes de Nazaré que começam a brotar pelo Brasil inteiro este temário consagrado à Educação, Obra de Amor. Depois de terem seguido por um ano, na Equipe, o programa Amor e Casamento, este novo temário vem colocá-los diante dessa segunda dimensão essencial de seu matrimônio: educar os filhos.

Tal como o têm entre suas mãos, este temário é fruto de uma colaboração. Foi elaborado (e experimentado antes de ser impresso e divulgado) parte no Rio de Janeiro, parte no Rio Grande do Sul.

Vários casais trabalharam no preparo do tema de ação, vários padres na composição dos temas bíblicos e do tema litúrgico. Este é o nosso ideal na feitura de todos os nossos programas: que sejam o resultado de uma ampla contribuição de casais das mais remotas regiões do Brasil. Só assim eles responderão às necessidades dessas mesmas regiões.

Por isso mesmo é que não damos este temário por acabado e perfeito. Fazemos dele uma primeira tiragem, pequena em verdade, para que nossos casais possam usá-lo, limá-lo, criticá-lo e depois mandar-nos suas observações e sugestões que nos permitam aperfeiçoá-lo na edição seguinte.



Educação para o amor - Ano 1965

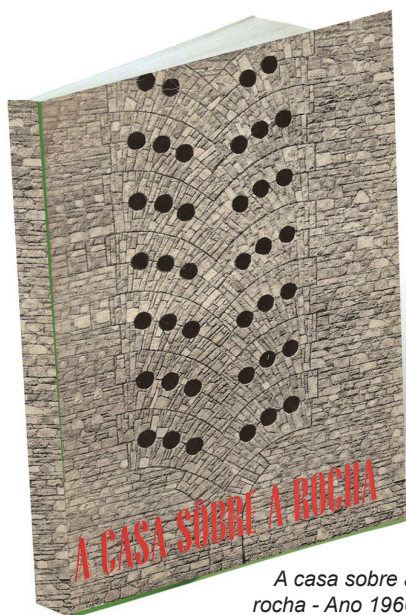




Pareceu-nos bem dar como tema litúrgico deste programa o sacramento da Confirmação. Não só por ser o sacramento da maturidade e do crescimento espiritual - tão próximo assim daquilo que é a educação no plano natural. Mas também porque, após termos visto uma iniciação geral à Liturgia nos Círculos Matrimoniais, o Batismo no temário Amor e Casamento, era normal abordarmos a Confirmação logo depois. De duas em duas reuniões, porém, deixamos livre o tema litúrgico para que os casais tenham uma oportunidade para dirimir dúvidas ou completar suas informações neste campo da Liturgia.

É evidente que, para qualquer dificuldade em relação à execução do programa, esta ECN está às ordens para ajudar as Equipes.

Em comunhão de ideal e de esforços pela Família,
a Equipe Central Nacional



INTRODUÇÃO

POR QUE fracassam hoje em dia tantos casamentos? E indagamos aqui dos fracassos visíveis de lares que se esboroam e se desintegram, mas também do imperceptível, mas gravíssimo fracasso de lares dentro dos quais não há harmonia ou há tão somente a harmonia inerte de dois inimigos íntimos, e do fracasso, mais grave ainda, de casamentos nos quais só existem valores físicos, no máximo psicológicos, mas nenhuma dimensão espiritual e religiosa. Por que fracassam tantos casamentos?

Várias respostas foram avançadas a esta questão. Os institutos de estatística procuraram mesmo, através de

pesquisas, classificar as causas mais comuns de separação dos cônjuges e de insucesso no casamento.

Apontam-se então, para citar dados americanos, motivos como o alcoolismo (29,8% das separações), adultério (24,8%), imaturidade e incompatibilidade de gênios (25%), etc. Estes elementos, como outros que se venham somar a eles, são preciosos para um começo de compreensão, vale dizer, para um começo de solução do sério problema. Mas não é difícil observar que, pela natureza mesma de tais estatísticas, o que elas revelam é, em geral, bastante superficial. Seria necessário ir bem mais ao fundo das questões. Ora, na medida do que





conseguimos fazê-lo, descobrimos, sem surpresa, mas assim mesmo com certo medo, que as causas apontadas em geral na verdade são menos causas do que efeitos de outras causas bem mais profundas. E estas, quais são?

Os inquéritos sociais do MFC como de outros movimentos familiares (inquéritos feitos infelizmente sem o necessário aparato técnico, mas com a vantagem de colher ao vivo, através do diálogo sem formalismo, depoimentos que são verdadeiras fatias de vida) vêm apontando, entre outras, uma causa que toma um relevo impressionante: a pouca ou nenhuma preparação para o casamento. Seria de todo conveniente que em breve pudéssemos orientar uma pesquisa séria nesse sentido, para sabermos que proporção tem tido, nos meios católicos e nos outros, a preparação para o matrimônio, como se tem feito tal preparação e com que resultado; e, em sentido inverso, que resultados negativos têm provindo da ausência de preparo com que a maioria dos noivos, eventualmente, chega ao casamento. Mesmo sem esta análise perfeita, porém, já é possível percebermos, por detrás de causas classificadas como incompatibilidade de gênios, egoísmo de um ou outro ou dos dois cônjuges, imaturidade para a vida matrimonial, etc., a verdadeira causa de tudo isto que é a falta 'absoluta de preparação (de conhecimento mútuo, de ajuste dos temperamentos, de amadurecimento para as novas tarefas a serem assumidas, etc.) indispensável para o casamento, a vida-a-dois, a educação dos filhos... Despreparados, colhidos praticamente de surpresa, é evidente que um dia eles se descobrirão incompatíveis, crivados de defeitos, e que sei mais.

A preparação para o casamento não pode ser pois um luxo para noivos privilegiados ou desocupados. É uma necessidade. É condição de êxito na vida conjugal. Bem sabemos: houve um tempo em que pouco se falava de preparar o casamento. Em que mesmo os casamentos eram tramados sem o conhecimento e quase à revelia dos noivos. "E davam tão certo...", comentam os saudosistas destes tempos. Na verdade porém poderíamos fazer várias perguntas em torno deste tempo. A primeira seria: davam certo mesmo? Davam certo, casamentos em que um marido tirano despersionalizava uma mulher submissa e medrosa? Davam certo os casamentos em que um respeito formal de um lado e uma autoridade exterior de outro procuravam suprir e disfarçar a falta de amor verdadeiro? Em todo o caso os tempos eram outros: um mínimo de preparação era dado em casa, nos melhores casos, pelo ambiente do lar. As influencias do ambiente fora do lar eram bem menos deletérias. Havia menos cultura e mais aconchego doméstico. Temos que falar para o nosso tempo e a verdade é que em nosso tempo é difficilimo dar certo um casamento que não seja preparado com carinho, mas também com inteligência.

Esta a razão de ser desta brochura. Não a escrevemos com artigos eruditos de especialistas nas diferentes matérias. Nossa finalidade é mais modesta: fornecer às nossas equipes de casais do interior do Brasil um material prático que lhes sirva para começar, logo que possível, seu apostolado familiar no campo da preparação para o matrimônio - por isso os capítulos deste folheto são também desprentensiosos: visam apenas situar os assuntos sem aprofundá-los, muito menos esgotá-los. A bibliografia que oferecemos dará mais elementos para este aprofundamento.





Finalidade prática, de ação familiar no setor pré-matrimonial, é portanto nossa finalidade. Os sociólogos nos oferecem dados sobre a crise do matrimônio que para nós são alarmantes. As notícias dos jornais sobre a situação dos lares e a educação dos jovens denunciam falta de preparação para a missão de esposos e pais. As sentenças de divórcio e de desquites nos Tribunais clamam diariamente a condição desoladora da maioria dos lares. O MFC não poderia ficar inerte diante do fenômeno, nem tomar um conhecimento puramente teórico, descritivo, dos acontecimentos. Tem que fazer alguma coisa. Além do mais impelem-nos palavras bastante claras dos Papas a este respeito. Entre outras cremos útil citar estas:

“Tudo depende, em grande parte, da conveniente preparação dos esposos para o casamento, preparação remota e preparação próxima. De fato, ninguém pode negar que o sólido fundamento de um casamento feliz e o fracasso de um casamento desgraçado já se preparam, desde a infância e a mocidade, na alma dos jovens. Pois aqueles que, antes do casamento, se procuravam em tudo a si próprios de modo egoísta, que se abandonavam a suas concupiscências, é de se temer que permaneçam no casamento iguais ao que eram antes, e tenham que colher o que semearam: tristeza no lar, lágrimas, desprezo mútuo, brigas, menosprezo da vida comum” (Pio XI, na Casti Connubii).

“A arte suprema de governar esta sociedade que é uma família, arte em que o homem exerce todas as suas faculdades afetivas e intelectuais, todas as suas qualidades e todos os seus recursos, vamos acreditar que não é preciso aprender tal arte? O desenlace horroroso de tantas uniões conjugais, o transviamento de infelizes jovens abandonados por suas famílias, provam o contrário. É pois essencial que a educação popular não perca de vista a preparação da juventude para o casamento e para as graves obrigações de pai e mãe de família. Antes de qualquer instalação na vida, é necessário que os jovens subordinem a escolha de sua profissão, da casa onde vão morar, às indicações da sabedoria humana e cristã, que prevejam e calculem suas possibilidades físicas, financeiras, espirituais - e que não se atirem como aventureiros numa iniciativa que é muito grave” (Pio XII à Ação Católica Italiana).

Casar e ser feliz - ano 1667

APRESENTAÇÃO

Não somos só nós que vemos com tristeza a situação da Família. Do alto do Vaticano o Santo Padre Pio XII a observa cheio de preocupação. São dele estas palavras pronunciadas perante o Episcopado do mundo inteiro, reunido no dia da proclamação do Dogma da Assunção de Maria Santíssima:

“O casamento e a família se encontram em tão deploráveis condições, que é incerta a esperança de seu triunfo” (2-11-50).





Não nos surpreende, pois, ter saído dos lábios papais esta outra frase:

“Se tivesse vinte e cinco anos de Pontificado, os dedicaria à restauração do lar cristão”.

E foi à instância destes gritos angustiosos do Vigário de Cristo que, através do mundo inteiro, apareceram os que se dedicam com empenho a “ajudar a família para que se ajude a si mesma”.

O Santo Padre deu início não só à criação de pequenos grupos de casais, (discurso da Quaresma, fevereiro de 1951), como também deu relevo ao papel do adulto casado em sua alocução de 19-3-53, quando afirmou:

“A importância da política e a ampliação da economia no mundo presente estimulam naturalmente aos educadores de adultos a tratar de maneira preferencial esses assuntos.

“Mas, a maioria das vezes se tem deixado no esquecimento que a base da sociedade e o primeiro centro de toda a educação está na família.

“E não provém especialmente do desconhecimento disto a “falta de personalidade” das relações sociais, da qual Nos ocupamos recentemente em Nossa mensagem de Natal?”

E acrescenta ainda o seguinte que devemos lembrar na apresentação deste Caderno:

“O homem não é, antes de tudo, um produtor ou um eleitor, mas um ser humano, sedento de afeto; é um sentimental que aspira, além do trabalho de suas mãos, transmitir aos outros os tesouros mais íntimos de seu coração”.

“Acredita-se, por acaso, que não é necessário aprender a arte suprema do governo da sociedade familiar, onde o homem exercita principalmente todas as suas faculdades afetivas e intelectuais e todas as suas qualidades e recursos?”

Urge, pois, despertar os que têm amor pela Família a fim de que se unam aos que lutam pela sua salvação, a fim de torná-la apta a cumprir sua missão comunitária.

ESTE CADERNO

Com esta finalidade, oferecemos aos membros do M.F.C. os seguintes esquemas de reuniões, que foram elaborados pela Liga de Operários Católicos Canadenses, e adaptados pelo M.F.C. Foram feitas certas modificações e supressões devido à diversidade de ambientes. Não se trata de um trabalho perfeito; é uma tradução e uma adaptação dada a necessidade que sentimos de possuir um material adequado para os Círculos Matrimoniais.





Nossa intenção, por meio deste Caderno, é fazer com que todos os componentes das Equipes de Nazaré estejam em condições de atuar como orientadores de um Círculo Matrimonial.

É o ideal de uma Equipe de Nazaré que, cada um de seus casais, possua seu círculo de influência (um círculo matrimonial). Isto é, que cada casal irradie o que recebe em sua equipe sobre o outro grupo que dirige, até que se torne também esse grupo um conjunto militante nas fileiras do M.F.C.

Desejando que se multipliquem cada vez mais os círculos matrimoniais (devidamente orientados por estes esquemas), é que colocamos à disposição do M.F.C. este instrumento de apostolado.

COMO USAR ESTE CADERNO

NAS EQUIPES DE NAZARÉ. Para estas equipes, estes esquemas devem ser totalmente usados, estudando-se portanto as partes sobre o Evangelho e a Liturgia. Assim serão mantidos os três elementos clássicos das reuniões.

NOS CÍRCULOS MATRIMONIAIS. Sugerimos que as reuniões destes grupos sejam preparadas pelos Responsáveis e Promotores para que possam dar todos seus frutos. Sugerimos que, alguns dias antes da reunião dos casais, esses dois casais dirigentes se encontrem a fim de ler o esquema e preparar a reunião.

Para melhor compreensão do que são os Círculos Matrimoniais, recomendamos aos casais dirigentes a leitura do folheto com as instruções sobre as reuniões destes Grupos.

Lembramos ainda que as soluções devem ser dadas aos casais dos grupos uma de cada vez. Se fossem dadas de uma só vez o interesse seria menor. Isto é um elemento psicológico importante. Seja feita a entrega da reunião, explicando que a discussão do primeiro assunto será feita na próxima reunião e insistindo que se preparem para essa discussão. As folhas soltas são exclusivamente e para uso do Responsável; não devem ser entregues aos casais dos Círculos Matrimoniais antes das reuniões respectivas por um motivo psicológico, que é o não lhes tirar a iniciativa e a espontaneidade na discussão do tema. Terminadas as discussões de cada tema, então serão entregues as folhas soltas correspondentes, para que cada casal conserve completo o seu caderno.

Queira a Sagrada Família de Nazaré abençoar este novo esforço que realizamos, tendo como objetivo a recuperação do lar para seu Rei, o Cristo Jesus.

PE. PEDRO RICHARDS, C.P Assistente Latino-Americano do M.F.C.

Tradução da Secretaria do M.F.C. Rio de Janeiro — BRASIL





Tempo de construir
Ano 1968

APRESENTAÇÃO

Duas séries de temas para reuniões de grupos da Comunidade de Jovens do M.F.C. são agora lançadas simultaneamente, em duas publicações separadas, constituindo os temários intitulados «PERSPECTIVA» e “TEMPO DE CONSTRUIR”. É, assim, oferecida aos grupos uma escolha dos assuntos que melhor atendam às motivações de seus membros ou às diversas condições ambientais em que se situam.

Ao coligir tais temas, como não poderia deixar de ser, procurou-se aproveitar a experiência reunida durante o primeiro ano de funcionamento dos grupos da Comunidade.

Em consequência, praticamente todo o material provém do trabalho pioneiro realizado nos locais onde floresceu mais precocemente e com maior entusiasmo a Comunidade de Jovens do M.F.C.: Sete Lagoas, Porto Alegre e Guanabara (Região Norte). Às respectivas Equipes Diocesanas tributamos, em nome dos jovens do M.F.C., o reconhecimento pela inestimável contribuição, e a todo o Movimento formulamos votos para que muito breve os grupos de jovens se multipliquem com o mesmo zelo e a mesma autenticidade.

Rio de Janeiro, março de 1968

EQUIPE CENTRAL NACIONAL Setor Nacional de Jovens

[...] o amor é a energia da inclusão ilimitada. Mesmo quando não encontra amor, o amor perdoa e encerra o inimigo em seu seio. Não há força que subjugué a ternura de um olhar e o afeto de um abraço."

Leonardo Boff





INTRODUÇÃO

Diante da linha conciliar, enfrentamos a difícil tarefa da revisão de nossos temários, para colocá-los no ritmo de atualização da Igreja.

Para isto, constituímos uma equipe que tem trabalhado seriamente. Como tivéssemos chegado à conclusão de que o nosso primeiro temário para Círculos Matrimoniais não respondia mais às necessidades presentes, pensamos em substituí-lo por outro, inteiramente baseado na linha de humanização que nos é apresentada pelo Concílio.

Todos nós já tivemos oportunidade de perceber que a maioria dos casais procura o MFC mais pela necessidade de solucionar seus vários problemas familiares, conjugais, educacionais, sociais, do que pela necessidade de uma vida cristã mais autêntica e mais profunda. Os que nos procuram levados pela mágoa da motivação formam uma pequena minoria.

Diante desse fato concreto, pensamos que o MFC deveria dar a todos os



Eis o homem
Ano 1969

casais uma resposta à altura da problemática que os aflige. Encaramos, pois, todos os problemas deste primeiro temário, ora apresentado aos casais, sob uma dimensão sadiamente humana e, por isso mesmo, vivencialmente cristã.

Embora a tônica do temário acentue a linha da humanização, uma evangelização discreta se faz sentir em cada uma das reuniões; ela cresce paulatinamente em cada uma delas através da dimensão humana, permitindo que, no fim das nove reuniões, de que se compõe o presente temário, o grupo tenha amadurecido pouco a pouco, e se encontre motivado para a evangelização mais direta, que seria objeto de um segundo temário.

Por causa disto, a sequência dos temas deve ser obedecida, do contrário, o crescimento que se espera (de cada casal do grupo) poderá ser prejudicado.

Como se tratasse de um temário a ser usado em plano nacional pensamos que seria mais eficiente, para uma formação do casal e do grupo, que, em todas as dioceses do país, cada grupo pudesse estudar a problemática concreta do meio em que vive, procurando solucioná-la de um modo humano e cristão. Por este motivo, cada tema a ser estudado começa pelo levantamento da problemática suscitada pelo grupo. Não se trata de inventar problemas ou de procurar resolver dificuldades sentidas e vividas em outras terras e por outras gentes; trata-se, pelo contrário, de fazer com que o grupo quais os problemas familiares que, realmente, pedem solução no seu ambiente concreto.





PRÓLOGO

Este é o segundo temário: “O homem e o Evangelho”.

No primeiro, “Eis o homem”, analisamos, com vocês, nossa vocação humana, através da problemática concreta do homem atual. Vimos que, para nos realizarmos humanamente, temos que assumir nosso “métier” de homem, hoje, no país em que vivemos. Nenhum homem poderá crescer, vivendo fora do tempo, da história e do seu ambiente concreto. Vimos, também, no primeiro temário, que o homem se realiza, como homem, através de várias perspectivas que são complementares entre si:

perspectiva pessoal

perspectiva conjugal

perspectiva familiar

perspectiva comunitária.

Analisamos, ainda, como o MFC pode auxiliar o homem de hoje a se reencontrar, reencontrando, ao mesmo tempo, os outros homens.

Agora, em «O homem e o Evangelho», entregamos a vocês a visão cristã do homem. Neste temário, cada um de nós é colocado em face da mensagem evangélica que aparece:

como uma interpelação de Deus aos homens de hoje e

como resposta de Deus às legítimas aspirações do homem moderno.

Também este segundo temário parte da situação concreta, real, do homem, na América Latina e no Brasil, mostrando a mensagem evangélica como uma exigência e uma resposta.

Uma exigência que deve ser realizada agora.

Uma resposta positiva ao homem de hoje.

Quer, ainda, este temário mostrar que só seremos fiéis à nossa missão de homens, na medida em que formos fiéis a Deus, a nós mesmos, aos nossos irmãos e ao mundo em progresso no qual vivemos.



O Homem e o Evangelho
Ano 1969



Cristo, na história, realiza, aos nossos olhos, essa fidelidade:
ao plano de Deus
à sua própria missão aos homens
ao mundo em evolução.

Com certeza, muitos vão assustar-se com a sequência dos temas que apresentamos. Eles fogem, com efeito, a qualquer esquema tradicional de evangelização, mas também isto responde a uma necessidade concreta do mundo e do homem modernos.

Quase ninguém aceita, hoje, teorias abstratas. Quase ninguém se interessa mais por um Deus distante e por seu plano ultraterreno. Muitos pensam que isto decorre apenas dos métodos antigos, conservados até hoje, quando evangelizamos ou catequizamos. De fato, esta é uma parte da verdade, mas não é toda a verdade.

Acontece que, hoje, presenciamos o nascimento de um novo mundo, cujos elementos nunca foram penetrados pela influência cristã. Constatamos isto todos os dias: novos problemas surgem, exigindo novas soluções; um mundo que evolui rapidamente, exigindo uma rápida adaptação dos que não querem ficar à margem da vida humana; novas situações, exigindo respostas atuais.

Pensamos então que, por causa destas mudanças vertiginosas, de nada nos adiantaria tentar evangelizar um mundo que desaparece; teríamos que tentar a tarefa gigantesca de evangelizar o mundo novo que nasce, «de evangelizar uma nova forma de humanidade que possui seu modo próprio de ser fechada e aberta aos valores religiosos» (Mons. Elchinger).

Cada um de nós, hoje, é enviado para levar a Boa-Nova a este mundo novo que nasce e que, paradoxalmente, é, ao mesmo tempo, rico e pobre, livre e escravo, técnica e cientificamente evoluído mas humanamente subdesenvolvido.

Cada um de nós é chamado a encontrar seu lugar de cristão, neste mundo que nasce. É chamado a encontrar uma resposta evangélica para os novos problemas e as novas aspirações que surgem.

Nosso temário atual destina-se a todas as famílias do Brasil - famílias em diferentes estágios de cultura, de adaptação à realidade atual. Famílias das grandes cidades, sujeitas abertamente a todos os impactos e famílias de cidades do interior, aparentemente mais resguardadas, mas, na verdade, sempre influenciadas pelos modernos meios de comunicação.

A todas essas famílias - que vivem problemas tão angustiantes, embora eles se apresentem em estilos diferentes - queremos mostrar que





o homem moderno pode ser, ao mesmo tempo, inteiramente fiel às exigências evangélicas e às legítimas exigências do mundo moderno.

Por isso :

1. Para atender às diferentes necessidades das várias famílias a que ele se destina, consideramos, cada tema, sob três perspectivas.

Cada círculo matrimonial poderá escolher a perspectiva que mais lhe convém, e, desse ângulo, analisar o tema em pauta.

Também as dificuldades e a profundidade dos temas em discussão variam, de acordo com a perspectiva apresentada.

2. Como o objetivo deste temário é permitir aos casais uma conversão (uma mudança de mentalidade, fruto de opção pessoal e consciente), a dinâmica de grupo é sempre apresentada, basicamente, como Ver, Julgar e Agir, por ser este método o sistema básico da Revisão da vida. Mas, dentro deste esquema básico de dinâmica de grupo, várias motivações podem ser usadas. Será bom que o casal dirigente releia, em “Eis o homem”, o capítulo escrito por D. Maria Junqueira Schmidt, sobre técnicas de direção de grupos.

3. Os temas poderão ser estudados, um de cada vez, ou um em duas reuniões consecutivas, quando a participação do grupo for muito rica. Mas, neste caso, recomendamos que se faça, na primeira reunião, as partes do Ver e do Julgar, deixando todo o Agir para a vez seguinte.

4. É preciso ter sempre presente que cada reunião deve incentivar os casais a fazerem uma séria revisão de vida, diante da perspectiva evangélica apresentada. A constatação da realidade não é a parte central da reunião. É apenas uma etapa de conscientização e de caminho para uma conversão. Os casais devem tomar consciência, ainda, de que a conversão (mudança de mentalidade) provocará, necessariamente, a mudança de atitudes - um agir diferente.

“A fé, sem as obras, é morta” (Tgo 2-17).

5. Cada casal dirigente deve ler, estudar, refletir, sobre este temário, antes de aplicá-lo. Qualquer improvisação pode prejudicar a obtenção dos objetivos que visamos. Do bom uso deste temário dependerá, em grande parte, a participação consciente de leigos verdadeiramente adultos, não apenas no MFC, mas na Igreja do Brasil, e na reestruturação da vida humana, em nosso Continente.

Esperamos que, após o trabalho com este temário, os casais do MFC compreendam que “a todos os leigos incumbe a nobre tarefa de trabalhar para que o plano divino da salvação chegue, cada vez mais, a todos os homens, de todos os tempos, de toda a terra” (LG. 33,4).





O Homem e o mundo - Ano 1969

INTRODUÇÃO

Este conjunto de temas sobre o Engajamento no mundo temporal é o terceiro de uma série feita pela Equipe de Temários e deve corresponder ao ciclo das Equipes de Iniciação.

Os casais que irão estudá-lo deverão ter, mais ou menos, dois anos de MFC, nos quais dialogaram sobre dois assuntos bastante atuais: A Família, na sua linha humana, com todas as exigências humanas que dela decorrem e a Família, na sua linha evangélica, com todas as consequências decorrentes desta perspectiva.

Em face dessas exigências descobertas, surge este terceiro temário, para que os casais tomem consciência de que todos, queiramos ou não, temos uma missão concreta, diante do mundo que nos é entregue como esboço a ser terminado, como tarefa a cumprir e como serviço a realizar.

Cada um de nós é responsável e, com todos os outros homens, corresponsável por este mundo, ao qual são ordenados todos os dons e capacidades de cada homem, de cada povo, de cada raça, de cada nação.

Notamos, no entanto, que, de um modo geral, uma grande dificuldade existe diante do engajamento. Os motivos alegados em favor de uma alienação são vários. São verdadeiros, mas, mesmo assim, nada mais são do que a repetição, em outra linguagem e em outras circunstâncias, dos motivos já apontados no Evangelho: - “Comprei um boi, preciso ir vê-lo; comprei uma chácara - é o casamento de minha filha. . . Por favor, desculpa-me.”

Também estes motivos eram extremamente justos e humanos; mas deixam-nos sempre uma certa amargura na alma (amargura que se percebe também na atitude do Cristo).

Se o MFC pretende lutar por uma família mais feliz, só poderá seguir um caminho: lutar, com todas as suas forças, lutar tenazmente por um mundo melhor - por um mundo humano - feito pelo homem e para o homem, colocado a serviço do desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens.

Essa luta será possível, apenas, se nos engajarmos, se nos unirmos diante de objetivos bem claros e bem definidos - se soubermos sacrificar nossos interesses individuais e mesmo, às vezes, nossos interesses familiares, pelas exigências do bem comum; exigências reais e concretas, percebidas aqui e agora. Do





contrário, com toda a nossa boa vontade, jamais passaremos de um D. Quixote, lutando contra teóricos e invencíveis moinhos de vento.. .

É por causa disto que, neste temário, abordamos o tema do engajamento, sob vários aspectos, mostrando, ao mesmo tempo, a necessidade e o valor do engajamento conjugal e familiar, num mundo que evolui rapidamente em direções quase sempre desumanas.

Procuramos, com este temário, atingir todos os casais do MFC, com seus estilos de vida diferentes, causados por diversidade de cultura, de meio ambiente, de hábitos de vida diversos. Procuramos atingir casais interioranos e casais das grandes cidades. Daí, os vários métodos de trabalho apresentados.

No método indutivo, fugimos um pouco da análise do caso concreto. Preferimos, ao invés analisar nossos cantos populares - cantos que todos ouvimos várias vezes por dia, que cantarolamos, muitas vezes sem o perceber, enquanto nos ocupamos com coisas sérias. . . Pensamos que, nas músicas populares, aparecem claramente as necessidades do nosso povo, suas angústias, seus problemas e a interrogação que, com uma candura de criança, não cessa de colocar diante de nossos olhos. Cada uma delas traz, em si, implicitamente, a pergunta do poeta:

“E agora, José?”

José é cada um de nós. Somos todos interrogados, todos solicitados. Cada um tem uma resposta pessoal a dar, cada um é encarregado, a seu modo, de construir o mundo, dentro da perspectiva do plano de Deus.

Para os que preferem estudar o problema partindo diretamente do fato concreto, apresentamos o segundo método. Cada reunião tem, para escolha, 3 ou 4 fatos concretos, seguidos de questionários na linha do Ver, Julgar e Agir. Esses dois métodos são seguidos, em cada reunião, de subsídios que procuram ajudar o casal dirigente, além do texto de consulta, feito especialmente para ele.

Como 3.º método, para os casais mais motivados pelo dever do engajamento e mais conscientes de sua missão de cristãos, apresentamos o método da revisão de vida, precedido de uma explicação quanto ao seu uso, seu sentido, e o que se pode esperar dele.

Neste método, não apresentamos os fatos concretos. Damos apenas sugestões, para que cada um procure descobri-los na vida de sua própria cidade. Isto possibilita aos casais criarem, eles próprios, a parte central da reunião; permite-lhes ainda analisarem casos concretos de sua própria cidade ou paróquia, tornando-os capazes de se tornarem atentos aos apelos de nossos irmãos, a esses sinais dos tempos que se manifestam, às vezes, de modos diversos e em estilos diferentes.

Parece-nos que não precisamos dizer mais nada.

Gostaríamos apenas de lhes dizer que, depois de visto este temário, alimentamos a grande esperança de poder contar com casais que tenham, de fato, “corações abertos para amar e mãos estendidas para ajudar” - como diz uma música das Irmãs de Jesus Crucificado.

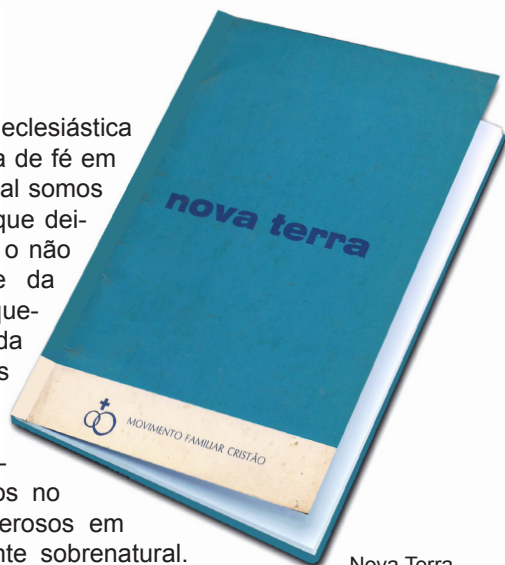
Gostaríamos de dizer ainda, citando a mesma fonte, que “fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas...”



PÓRTICO

O sinal e os riscos

Talvez nossa crise familiar e eclesiástica muito tenha a ver com a falta de fé em nós mesmos e na graça pela qual somos o que somos. Diante do muito que deixamos de realizar, esquecemos o não pouco que realizamos. Diante da certeza de nossa pequenez, esquecemos nossa grandeza. Diante da situação de pecado, esquecemos que somos santos, batizados, amados por Deus. Diante de nosso mesquinho egoísmo, esquecemos que fomos generosos no dia de nosso casamento. Generosos em grau quase heroico e certamente sobrenatural. Nós, cristãos, casamos em definitivo. Queimamos atrás de nós os navios, veículos de uma possível fuga.



Nova Terra
Ano 1975

Estávamos conscientes de que o passo a dar seria um mergulho no desconhecido. Tivemos a coragem de confiar em nós mesmos e na pessoa com quem nos unimos para a prosperidade e a adversidade, para a doença e a saúde, a dor de nosso cônjuge moribundo, a prisão e a liberdade, a incompreensão e o diálogo amoroso. “Casamos” com parentes eventualmente indesejáveis, difíceis e problematizados. Casamos com a Igreja ultrajada na pessoa de familiares nossos. Casamos, assumindo riscos imprevisíveis da mais variada espécie.

E contudo dissemos “sim” quando a Igreja nos perguntou se esse casamento seria dissolvido só com a morte. E aceitamos os sinais de união: a aliança, a adoção de um mesmo sobrenome, a bênção da Igreja e as consequências todas que disso adviriam para nossa perda ou para nossa salvação.

Então ouvimos, de leve, aquela voz que disse a Simão Bar Jonas: “Vem e segue-me”.

Breve, muito breve, os casais e neles a Igreja compreenderão que um casal unido dá sinal de que o mundo é salvo, de que o Pai enviou Jesus Cristo e de que nos amou, assim como amou o seu próprio Filho: “... eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que tu me enviaste e os amaste, como amaste a mim” (Jo 17, 23). (Oração rezada por Jesus no dia em que foi preso).

Porto Alegre, janeiro de 1975.



AMOR E CASAMENTO

O desafio de uma preparação para o casamento mais profunda e humanizadora levou o Movimento Familiar Cristão a editar este livro.

Uma numerosa equipe de pessoas, leigas e religiosas, em sua maioria formadas em áreas das ciências humanas, procurou sintetizar, em linguagem simples, a extensa pauta de assuntos que interessam aos que vão se casar ou já vivem o seu projeto de vida conjugal e familiar. Mais de 60 mil livros já estão em mãos de casais e famílias, oferecendo indicações das ciências humanas e da teologia, para o desenvolvimento da consciência crítica, iluminando a mente dos leitores na busca das soluções mais humanas para os problemas do quotidiano. Este livro também quer incentivar os casais a assumir, com sua família, seu compromisso cristão da sociedade, como expressão da sacramentalidade da sua união.

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO - MFC

SUMÁRIO

A pessoa humana em busca de plena maturidade
O diálogo na vida conjugal e familiar
As características psicológicas no encontro das pessoas
A arte de amar
A sexualidade conjugal
A sacramentalidade da união conjugal
Anatomia e fisiologia do aparelho reprodutivo, gestação e parto
A paternidade responsável
A vida a dois: as questões do quotidiano
A educação dos filhos
A responsabilidade social
Direitos e deveres constitucionais

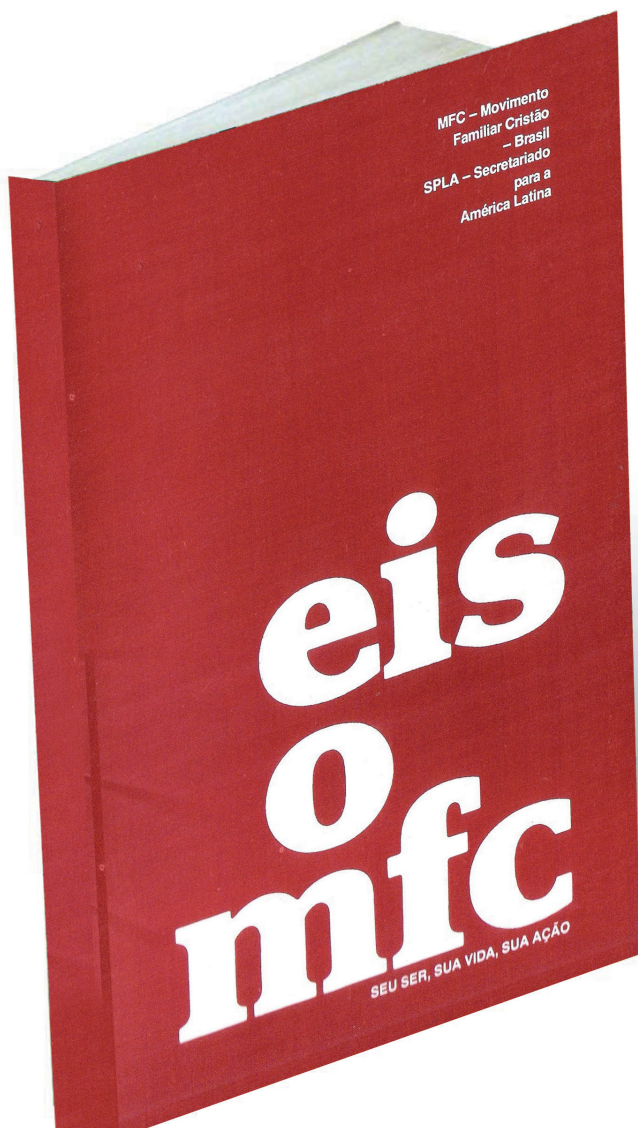


FICHA TÉCNICA

Eis o MFC

Nº de páginas: 46

Disponível na livraria do MFC





FICHA TÉCNICA

MFC: conhecendo, amando, cuidando

Ano 2015

Nº de páginas: 76

Disponível na livraria do MFC





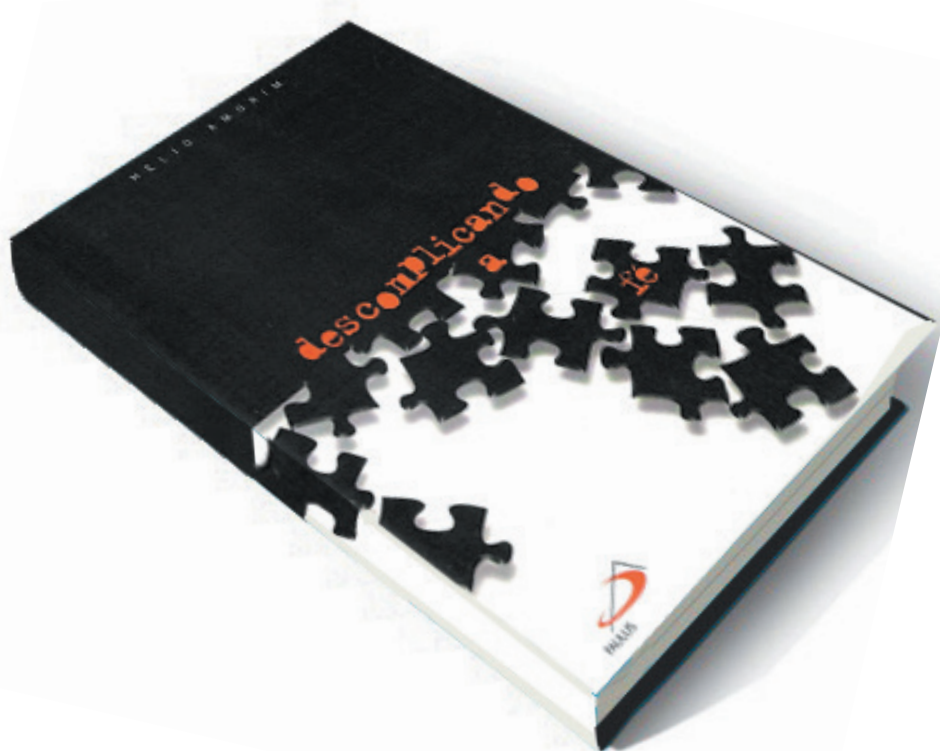
FICHA TÉCNICA

Descomplicando a fé

Ano 1998

Nº de páginas: 126

Disponível na livraria do MFC





FICHA TÉCNICA

Ponto de partida

Ano 1978

Nº de páginas: 56

Disponível na livraria do MFC





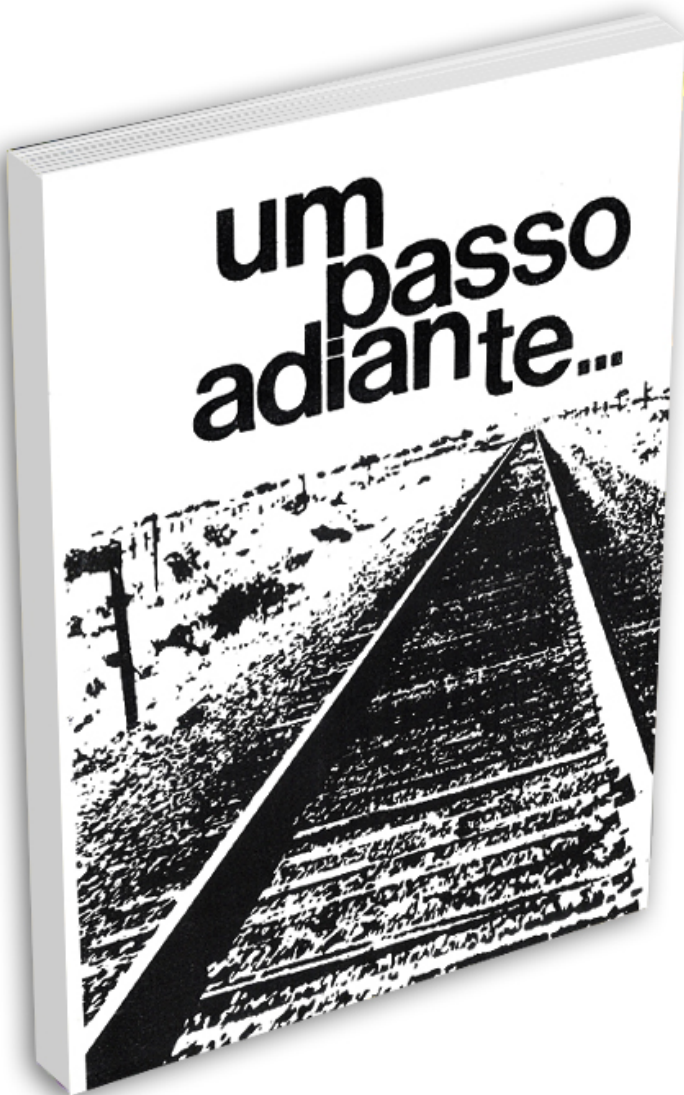
FICHA TÉCNICA

Um passo adiante...

Ano 1980

Nº de páginas: 72

Disponível na livraria do MFC





FICHA TÉCNICA

Os pés na terra...

Nº de páginas: 48

Disponível na livraria do MFC



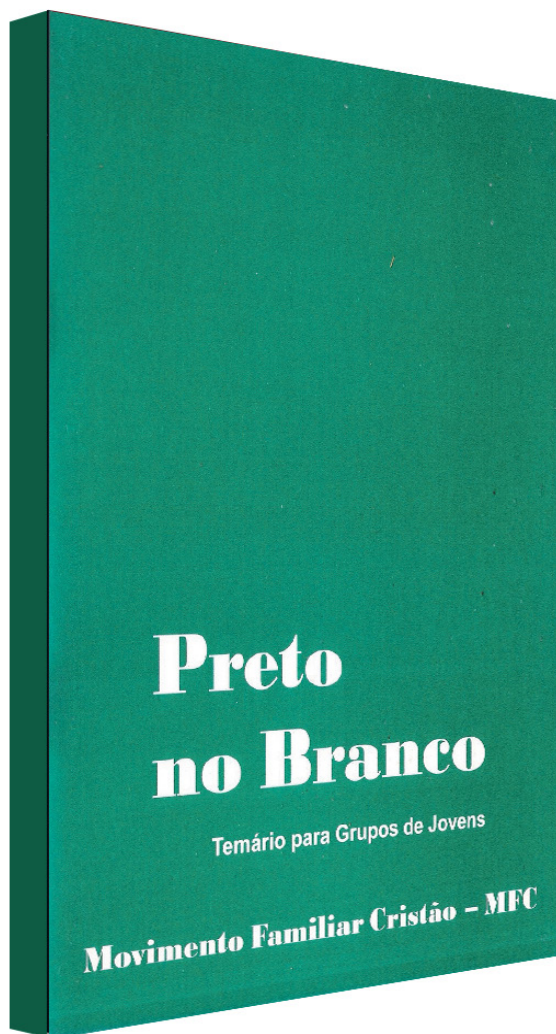


FICHA TÉCNICA

Preto no branco

Nº de páginas: 23

Disponível na livraria do MFC





FICHA TÉCNICA

O coordenador da equipe-base

Nº de páginas: 31

Disponível na livraria do MFC





Pelotas, 4 de setembro de 2015.

Estimada(o) Irma(o) Marly e José Maurício

Recebemos com emoção e alegria a Edição Histórica de Fato e Razão. Como é bom recordar essa trajetória lúcida e destemida que vivemos ao longo dos anos em que atuamos no MFC (Coord. de Cidade, Coord. Estaduais, integrando equipes do Condir-Sul, Encontro Estadual de Jovens do MFC, Simpósios de Preparação para o Casamento.

Os ENAs e seus temas proféticos balizando a caminhada. O testemunho de tantos irmãos e irmãs, que poderiam ser sintetizados na santidade do casal Sollera e filha, os quais viveram o Evangelho até as últimas consequências. Tivemos a graça de conviver com eles em alguns ENAs.

Sensibilizado com a citação de minha monografia (págs. 38,39), na Edição Histórica. Lembra que na ocasião de sua apresentação, além das questões de praxe desse tipo de trabalho, os integrantes da banca examinadora, bem como os demais presentes na sala, demonstraram um grande interesse em saber mais sobre o Movimento.

Recordo que se mostraram impressionados com o profetismo e a coragem da caminhada. Assim como tivemos desafios a enfrentar no passado, hoje eles também se apresentam com outras faces: diante de uma espécie de “miscigenação” espiritual, conscientizar os novos integrantes do MFC sobre seu carisma, identidade, etc.

Estamos presenciando uma era de individualismo competitivo que se apresenta como valor estratégico. Desejos como o templo do eu, a comodidade, o culto ao corpo, a vantagem, são os novos “altares” preferidos para a genuflexão, inocentando o egocentrismo.

O que vale é a sucesso e não a virtude. Vítima de um relativismo perverso, a importância das relações entre as pessoas vem sendo substituída e subordinada pelas relações entre as pessoas e as coisas (celular, televisão, computador, carro, etc.)

Muitas vezes os fatos revelam que a família precisa resgatar com urgência o seu protagonismo para realmente ser, conforme a sábia inspiração de Medellín, “formadora de pessoas, educadora na fé e promotora do desenvolvimento fraterno e solidário.”

Reduzir a família a mera expectadora ou objeto de manobra, é um atentado aos seus membros que acabam vítimas da cultura do provisório, da superficialidade, do consumismo que atingiu um estágio em que a própria pessoa é tratada como mercadoria descartável. O protagonismo da família não pode aceitar, por exemplo, que ela funcione como vagão, puxado pela locomotiva da programação televisiva, atingindo todas as idades, com cenas e conceitos ridicularizando e proclamando como ultrapassados os princípios da dignidade e da convivência humana, sacralizando de forma insidiosa os contravalores a serviços da baixaria e do grotesco.

Há também o grave problema da informação. Ela é fator poderosamente estratégica na sociedade moderna. É domínio “civilizado” que dispensa derramamento de sangue, verdadeiro monopólio idealógica e unilateral, que determina o que e como devemos saber e a que não devemos saber.

Enfim, uma realidade que precisa de uma família com consciência crítica, que assuma sua função de ser fermento de transformação, de transmissora de uma fé adulta encarnada, comprometida com a missão de ser sal e luz do mundo, pois, como afirma o papa Francisco em sua *Evangelii Gaudium*, “uma fé autêntica - que nunca é cômoda nem individualista - comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela.”

Com nosso fraternal abraço

Alde e José Francisco





COMUNHÃO DOS SANTOS E SANTAS



Comungar com todos e todas que são amigos e amigas de Deus...

Independente se o santo ou santa a que me refiro está no meu altar ou não...

pois o que importa, no último limiar da vida, não é o credo, mas o amor...

Comungar com os espíritos que salvam nossa gota de cotidiano...

por meio de palavras abençoadas e simples,

como perfumes que ultrapassam as fronteiras de nossos dogmas estreitos...

Comungar com as abelhas, que não esperam o resultado final de sua dedicação, para continuarem devotamente trabalhando na semeadura do mel...

Comungar com as águas, que vão e vêm, mantendo o fluxo das energias telúricas, sem perguntar se percebemos ou não sua presença dadivosa...

Comungar com as horas auspiciosas dos infinitos nomes de Deus,

e poder render-se às mãos ternas da criança que nos reconduz para o além da dor...

Rever os santos e santas de Deus nos altares do chão batido da terra...

abraçando as árvores mestras no altar da vida.

paz e luz.

Gorge Leão





Refeição em família

Anna Veronica Mautner

A conversa na mesa entre a família é reler, rever o dia que passou. A partir desse bate-papo podemos testar escolhas e até nos corrigir

Conversar é preciso, assim como é também bater papo, palpitar. Precisamos de conversa fiada – é conversando que construímos as imagens que temos uns dos outros.

Não conheço melhor lugar do que a mesa de refeição para esse tipo de conversa à toa. Mas como a mesa de refeição está sendo cada vez menos usada, por falta de tempo e de oportunidade, e como são poucos os que reclamam – esse espaço foi encolhendo devagar.

É em volta da mesa que se relata o cotidiano de cada um e tam-

bém é compartilhado. E dentro do clima de “sem-cerimônia”, nos reconhecemos. É no “à toa” mesmo. Quando falta ou é rara essa rotina caseira, passamos a viver como se a vida se tornasse um texto que não foi relido. A conversa na mesa é reler, rever o dia que passou.

A partir deste bate-papo inconsequente, podemos testar escolhas e até nos corrigir. É nesse clima que os indivíduos se avaliam e são avaliados, gerando a família – entidade única e original.

Quando uma pessoa não tem este espaço, ela terá que fazer a tarefa de se avaliar, sozinha. Na sociedade em que vivemos, estamos imersos numa trama exigente e paradoxal. É tão diferente do clima em torno da mesa.





Aí captamos o significado de olhares, gestos, entonações que conhecemos bem, mas os detalhes mudam dia a dia. Se tivermos interpretado erroneamente o ocorrido, não tem importância –hoje ou amanhã a família estará junta de novo e tudo poderá ser esclarecido. É, pois, no “um dia depois do outro”, que são lançadas as sementes do respeito e do conhecimento mútuo.

Este mesmo mundo que pede pessoas conscientes, flexíveis e tolerantes inviabiliza, ou pelo menos dificulta, os rituais de família, em que se encontra a melhor e a maior probabilidade de vivê-las.

A agenda escolar de cada um dos filhos, as exigências do trabalho, os cursos extras, os hábitos de entretenimento fazem concorrência aberta à possibilidade de interação familiar. Cada um tem seu horário de ir e vir ou de aparecer, mas ninguém se ausenta eternamente. Faltar muito dá saudade.

Evocando aqui e agora o meu dia a dia dos meus tempos criança, vejo-me na minha casa – a gente se

conhecia bem, nas profundezas da alma e nas coisas mais corriqueiras. Nas nossas conversas, qualquer um de nós era capaz de prever o rumo da conversa. A nossa escala de valores valorizava o bem pensar e o bem sentir.

Éramos tolerantes para quase tudo, menos para o mau uso do pensamento. Lá na minha casa, na casa da minha infância, o empenhar-se, o esforçar-se sempre foi mais valorizado que o sucesso. E eu, até hoje, julgo assim.

Não tenho dúvida alguma: é de famílias conversadeiras, afetivas, tolerantes, prolixas que saem as pessoas que sabem escolher bem –pessoas aptas a fugir da dominação cega que os fortes podem exercer– é esse o maior e mais importante legado das refeições em família.

ANNA VERONICA MAUTNER é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e autora de “Cotidiano nas Entrelinhas” (Ágora)

Transcrito da Folha de São Paulo

[...] mesmo os eventos mais dolorosos e aparentemente sem sentido podem ser considerados grãos para o moinho da edificação do espírito e da cura profunda

Joan Borysenko





Xô, abutres!

Raquel Rolnik

Agenda Brasil pode consagrar a lógica predatória, deixando livre o caminho para os abutres

Anunciada pelo presidente do Senado, Renan Calheiros, como tábua de salvação para a crise econômico-política do país, a Agenda Brasil inclui temas que têm impactos profundos sobre a organização do território e de nossas cidades. São eles: a revisão da legislação de licenciamento de investimentos na zona costeira, em áreas naturais protegidas e cidades históricas; a revisão dos marcos jurídicos que regulam áreas indígenas;

o estímulo ao desenvolvimento turístico e à realização de megaprojetos, incluindo a simplificação do licenciamento para construção de equipamentos e infraestrutura turística em cidades históricas, na orla marítima e em unidades de conservação.

Todos eles, como boa parte dos itens da agenda, estão vinculados a uma narrativa reiterada “ad nauseam” por seus proponentes de que a possibilidade de crescimento econômico e multiplicação de “investimentos produtivos” está travada pela “burocracia” imposta por um Estado ineficiente e corrupto.





Quem conhece a história da ocupação do território brasileiro sabe que a lógica que a presidiu foi, desde os tempos coloniais, a exploração predatória, ou seja, a máxima extração de riqueza, no menor tempo possível, sem qualquer preocupação com o futuro, e muito menos com outros valores e dimensões que não estritamente a rentabilidade econômica, tais como a memória, a noção de bem comum, o sagrado, a estética.

Assim, foi com muito custo que se construiu, a partir dos anos 1930, uma regulação que tenta limitar essa lógica, formulada primeiro em torno da noção de patrimônio histórico e, em décadas mais recentes, da preservação de territórios indígenas e ecossistemas ambientais.

Mas assim como ocorre em outros tipos de regulação no Brasil, com o tempo, estas foram sendo tomadas por ambiguidades, irresoluções e sobreposições jurídicas que acabaram limitando a potência dos instrumentos de preservação, ao mesmo tempo em que também foram sendo capturadas e solapadas por interesses econômicos.

Um exemplo disso é como são produzidos hoje os relatórios de impacto ambiental necessários à aprovação de diversos empreendimentos. Tais relatórios são encomendados e financiados pelas

próprias empresas interessadas, o que, de um lado, gerou uma verdadeira indústria e, de outro, acarretou enormes impasses no equacionamento dos impactos, já que quem produz os relatórios não raro sofre pressões de quem o contrata.

Por essa e outras razões, não defendo o modelo atual de regulação do território, que de fato não tem sido capaz de evitar a crise urbano-ambiental que estamos vivendo, da qual a escassez de água, por exemplo, é apenas um dos sintomas.

Mas “simplificar” ou “eliminar” qualquer tipo de regulação sobre os espaços de memória, os ecossistemas, as paisagens, os direitos sobre a terra urbana e rural de quem a ocupa é simplesmente deixar livre o caminho para os abutres.

Porque abutre é assim: aproveita o momento de instabilidade e fragilidade do Estado para impor sua lógica predatória, articulada tão somente em torno das variáveis da rentabilidade e do lucro.

A reconfiguração democrática do território, urgente e necessária, é tarefa mais complexa do que propõe essa agenda oportunista e passa justamente pela eliminação, definitiva, da lógica predatória.

Transcrito da Folha de São Paulo





Precisamos falar dos algoritmos



Ronaldo Lemos

Fórmulas que definem o que você lê em redes como o Facebook não são neutras: são invisíveis, mas existem

Na semana passada grandes jornais do mundo anunciaram que vão publicar notícias diretamente no Facebook. Isso confirma que a rede social mais popular do planeta está se convertendo também em “infra-estrutura” para a disseminação de conteúdos. A situação lembra o que acontecia com a TV a cabo nos EUA em meados dos anos 1970: a princípio, as empresas tinham de convencer as emissoras a aceitar serem incluídas na programação.

Pouco depois a maré mudou. Várias companhias começaram a produzir programação especialmente para o cabo, que passou então a cobrar para carregar os conteúdos.

Um exemplo disso é a campanha “I want my MTV” (eu quero a minha MTV), do início dos anos 1980. O

objetivo era convencer as TVs por assinatura a transmitir o sinal da emissora musical, que engatinhava.

Curiosamente, dias antes do anúncio do pacto entre os jornais e o Facebook, o site havia publicado um estudo sobre o funcionamento do algoritmo que controla o que cada usuário vê em seu feed de notícias. O nome do documento é “Exposição a Notícias e Opiniões Ideologicamente Diversas no Facebook”.

O estudo tem várias limitações metodológicas, mas a conclusão é interessante. Ele apresenta evidências de que as fórmulas do site nos mostram mais notícias que refletem aquilo que pensamos e reduz nossa exposição ao que discordamos.

Se alguém é a favor da redução da maioria penal, vai ver mais opiniões similares à sua do que contrárias. É um erro crasso achar que o que vemos na “timeline” do Facebook representa a opinião pública.





Essa filtragem traz problemas. Quem se expõe apenas ao que pensa fica ainda mais convencido das próprias ideias. E se torna avesso a posições contrárias.

A questão é se esse viés seria culpa do algoritmo em si ou dos próprios usuários, que, por meio dos seus “likes”, ensinariam a rede social a privilegiar alguns conteúdos. Acadêmicos importantes, como a pesquisadora Zeynep Tufekci, apelidaram o estudo de “*it’s not our fault*” (não é nossa culpa), dizendo que a rede social estaria usando o documento para afirmar que a culpa do viés seria mais dos usuários.

O fato é que hoje 30% das pessoas nos EUA leem notícias apenas pelo Facebook. Com isso, faz sentido pensar sobre a importância de uma diversidade editorial. Algoritmos vieram para ficar. Mas não podem se tornar “filtro” para tudo. Quanto mais pluralidade de editoriais, humanas e digitais, melhor para a esfera pública.

No caso de um jornal, pode-se discordar de sua linha editorial, mas ao menos ela é um dado objetivo e em geral visível. No caso de algoritmos, a linha editorial é invisível. Só que ela existe. Algoritmos não são neutros, como mostra o estudo recém-publicado. Sempre que você não gostar daquilo que leu no jornal, saiba que isso é bom para você.

READER

JÁ ERA algoritmos só como modelos teóricos

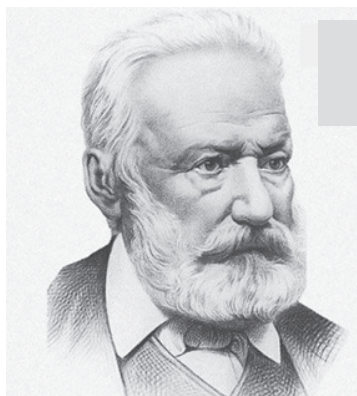
JÁ É algoritmos tomando decisões automatizadas de investimentos financeiros

JÁ VEM algoritmos tomando decisões militares

** Ronaldo Lemos é advogado e diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro*

ronaldo@itsrio.org

Transcrito da Folha de São Paulo



Extraído da imortal obra: Os Miseráveis, de Vitor Hugo

“Cada qual, assim como faz a cama, assim nela se deita” (p. 37)

“Visto que me consagra todo o seu tempo, é porque eu lhe ocupo todo o seu coração” (p. 173)





As mulheres de Kobane e a luta da liberdade contra a opressão

Grupo de São Paulo

O sensacionalismo e o desejo incontornável por uma audiência cada vez maior, além da guerra travada entre as grandes emissoras de televisão do país, expõem a grande maioria dos brasileiros a uma onda de violência e de medo que tende apenas a bloquear qualquer possibilidade de criar soluções em seu dia a dia.

É nesse contexto que se instaura a cobertura de um mundo não só afastado geograficamente, mas por ser uma cultura que, de um modo ou de outro, é diferente e resiste ao modelo ocidental de vida, que se pretende hegemônico e dominante. Trata-se da cultura muçulmana ou islâmica.

Nos últimos anos, quem liga um aparelho de televisão ou mesmo folheia os principais jornais impressos do país, pensa que aquele lado do planeta está totalmente dominado pelo Estado Islâmico (EI) e suas atrocidades. Por mais que se tente dizer, em pequenas frases perdidas no meio de imagens de barbáries, que o mundo muçulmano não se resume hoje no Estado Islâmico, o que fica no imaginário da maioria



das pessoas são seres humanos sendo mortos com tiros na cabeça.

O que a maioria não sabe, entretanto, é que o EI vem sendo arduamente combatido em suas próprias fronteiras. Desde 15 de setembro do ano passado, sangrentas foram travadas em nome da democracia e da liberdade. No dia 26 de janeiro desse ano, a cidade de Kobane se declarou totalmente livre, após um conflito de 134 dias.

Nesse exato momento, uma rica experiência democrática está sendo colocada em prática e a grande mídia televisiva está praticamente calada, omitindo escandalosamente esse fato histórico de seu grande público. Apesar de não ser reconhecida pelo governo Sírio, desde julho de 2012 Rojava se declara como uma república autônoma, adotando um sistema de autogoverno denominado como Confederalismo Democrático.





Algumas forças políticas são protagonistas nessa História. A mais antiga dessas agremiações é o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), seguida das Unidades de Proteção do Povo Curdo (YPG) e das Unidades de Defesa da Mulher (YPJ), essa última com uma atuação heróica decisiva no embate contra o EI e sua organização terrorista. Com o apoio de guerrilheiros experientes Jo PKK, a resistência travada pela YPG e a YPJ chegou inclusive a impedir a entrada do EI na cidade de Kobane.

A força política que representa essas facções é o Partido da União Democrática (PYD), que nasceu em 2003 e abriu suas portas para múltiplos grupos étnicos-religiosos da região (Assírios, Yázidis, Cristãos, Armênios, Alevís, Árabes Sunitas e Xiitas, Turcos de ramificação da Al-Qaeda, entre 2012 e 2013. Essa batalha e a atual fortaleceram um conjunto dos chamados cinco cantões (municípios autônomos) no Curdistão, totalizando algo em tomo de 100 vilarejos. A liberdade religiosa e a democracia direta, além da subordinação das autoridades aos intitulados conselhos populares, são os pontos-chaves do “confederalismo democrático”.

Segundo o professor de Antropologia, da London School of Economics, David Graeber, que passou dez dias em um dos acampamentos em Rojava, o segredo para compreendermos a estabilidade política do que já podemos chamar de uma nova cultura política é o “equilíbrio

étnico” e o papel das mulheres, que atuam em igualdade de condições nas tomadas de decisões políticas, além de serem igualmente representadas em todos os cargos eletivos. São as mulheres de Kobane atuando como protagonistas, tanto na guerra como na paz.

Críticos apontam para a possibilidade do PKK estar encobrindo, em seu discurso democrático, um ranço de autoritarismo stalinista. Por outro lado, revelou Graeber, entre outros especialistas, o partido passou a se inspirar na concepção de ecologia social do anarquista Murray Bookchin para criar “comunidades livres de autogovernos”. Escritor anarquista estadunidense, que viveu entre 1921 e 2006, Bookchin criou a Escola da Ecologia Social. Em seu livro *Municipalismo Libertário*, revelou que “sem auto-gestão nas esferas econômica, ética e política, não será possível transformar os homens de objetos passíveis em sujeitos ativos” (pg. 15).

Fortemente influenciado ainda pelos municípios autônomos, em Chiapas, sul do México, a ecologia da liberdade de Rojava pode estar implantando, na prática, o lema zapatista “Queremos um Mundo onde caibam todos os Mundos”, um possível mundo sem dominação e sem destruição ambiental, onde as mulheres e a mãe natureza são vistas em pé de igualdade e as diferenças entre os seres humanos são de fato respeitadas e aceitas.

Transcrito do Boletim Rede





ACREDITAR NA VIDA

Não espere um sorriso para ser gentil

Não espere ser amado para amar

Não espere ficar sozinho para reconhecer o amor de quem está ao seu lado

Não espere a queda para lembrar-se do conselho

Não espere o melhor emprego para começar a trabalhar

Não espere ter dinheiro aos montes, para então contribuir

Não espere por pessoas perfeitas para se apaixonar

Não espere a enfermidade para saber quão frágil é a vida

Não espere elogios para acreditar em si mesmo

Não espere a separação para buscar a reconciliação

Não espere a mágoa para pedir perdão

Não espere ficar de luto para reconhecer quem hoje é importante para você!!!

Não espere a dor para acreditar na Oração

Não espere o dia da sua morte sem antes...

Acreditar na Vida!!!

Autor Desconhecido

Extraído do Boletim Hífen
do MFC de Nova Iguaçu-RJ

